

Kátia Valverde Sobral

HABITAR A PAISAGEM Análise, conceitos e soluções

a 'Casa Gerês' de Carvalho Araújo

Kátia
Valverde
Sobral

HABITAR A PAISAGEM
Análise, conceitos e soluções
a 'Casa Gerês' de Carvalho Araújo

Kátia Valverde Sobral

HABITAR



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DAS BEIRAS
Departamento de Arquitetura, Ciências e Tecnologia

HABITAR A PAISAGEM: Análise, Conceitos e Soluções
- a 'Casa Gerês' de Carvalho Araújo -

RELATÓRIO DE ESTÁGIO
Prova final de estágio

Kátia Valverde Sobral
30 Setembro de 2014

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientação: Professora Doutora Céline Veríssimo e Professora Doutora Ana Pinho
Tutoria: Arquiteto José Manuel Carvalho Araújo



Fig.1 - Casa Gerês.

HABITAR A PAISAGEM: Análise, Conceitos e Soluções
- a 'Casa Gerês' de Carvalho Araújo -

ENTIDADE ACOLHEDORA DE ESTÁGIO

J. M. Carvalho Araújo, Arquitetura e Design, S. A.

Rua Eça de Queirós, n.º 98, 4700-315 Braga

telefone (+351) 253 283 580

fax (+351) 253 283 582

email ca@carvalhoaraujo.com

site www.carvalhoaraujo.com

Data de início do estágio: 3 de Março de 2014

Data de fim do estágio: 9 de Julho de 2014

Duração do estágio: 4 meses = 42 dias

A ti, Tio Miguel.

A realização deste trabalho coloca-nos perante o reconhecimento de alguém, alguém que, de diversas maneiras, tornou isto mais fácil. Tenho por isso, como dever, fazer:

Um agradecimento especial

aos meus pais, que investiram na formação;

ao arquiteto Carvalho Araújo, por tudo o que fez e me ensinou, por me ter aberto o trinco da porta da utopia;

ao Hugo Carvalho Araújo, pelos bons enquadramentos fotográficos e à equipa colaboradora, pela integração e por todos os momentos de aniversários.

Outros agradecimentos, também especiais

à coordenadora do curso e orientadora, Prof. Doutora Ana Pinho, pelo apoio incondicional manifestado;

à co-orientadora, Prof. Doutora Céline Veríssimo, pelo conhecimento partilhado e pela dedicação revelada;
a muitos outros professores que fazem(ou fizeram) parte da minha formação,

especialmente ao Prof. Luís Morgado, pelos livros fornecidos, ao Prof. Canha da Piedade, por toda a experiência de excelência transmitida, à Prof. Marta Aguiar, pelo rigor profissional, ao Prof. Pedro Vieira, pelo estímulo arquitetónico e gráfico, ao Prof. Miguel dos Santos, pelo rigor metódico de trabalho e ao Prof. Miguel Figueira, pelos ensinamentos de apresentação;
A todos, pelas horas de trabalho e pelas horas de descanso perdidas.

a toda a equipa que faz parte da Biblioteca D. José Pedro da Silva, pela competência de trabalhos prestados ao longo do curso;

ao Diogo, ao Ny, à Matilde, ao Sérgio, ao César e ao Afonso, pela ajuda em doses numerosas, pelo apoio e pelas horas incansáveis de trabalho juntos;

à minha irmã Sónia, pela força imensurável que sempre me transmitiu e pela revisão crítica deste relatório;

à Chinoquinha (minha irmã Inês), pelo apoio incessante;

ao meu padrinho Filipe e Tia Carla, por todos os mimos.



RESUMO

PALAVRAS - CHAVE

Habitar; Paisagem; Lugar; Gerês; Estágio.

No presente trabalho propõe-se a identificação de novos modos de habitar, através da análise suportada em observação *in situ* e da participação direta num caso prático de estudo, no contexto profissional de estágio curricular, em ambiente de atelier. Trata-se de uma habitação unifamiliar, localizada na serra do Gerês - a Casa Gerês, com base numa reflexão teórica e crítica e no desenvolvimento projetual, ambos centrados na relação do habitat (casa) com a natureza (paisagem).

O relatório apresenta e descreve a problemática do tema - *novas tendências do habitar*, e a sua adequação à dinâmica profissionalizante de estágio enquanto prova final.

A metodologia consistiu na pesquisa e na revisão bibliográfica, bem como no desenvolvimento projetual de uma habitação, colocando em prática a componente científica. Ou seja, cruzaram-se o carácter prático e técnico da realidade com o carácter científico, através da teoria, nomeadamente nas componentes de análise, conceitos e soluções. Deste modo, a revisão bibliográfica

debruçou-se sobre a fenomenologia da arquitetura, nomeadamente no estudo das *noções de lugar, habitar, e paisagem*, segundo Christian Norberg-Schulz (1980) e Martin Heidegger (1993). Revelaram-se os conceitos discutidos através das evidências obtidas na realidade prática de atelier.

Todo o debate sobre a obra e o lugar contribuíram, num primeiro momento, para uma noção mais apurada da obra deste atelier e da sua relação peculiar com o lugar. Num segundo instante para fundamentar as experiências advindas do atelier, assim como a discussão contemporânea que envolve o conceito de habitar e o de arquitetura como elemento que analisa, concebe e identifica o mesmo.

Em suma, delimitou-se a problemática central da investigação sobre o "*Habitar a paisagem*", na análise crítica das noções 'casa', 'habitar' e 'paisagem' associados à casa Gerês, demonstrando que a casa é, hipoteticamente, a materialização da dialética da humanidade com a natureza.



ABSTRACT

KEYWORDS

Inhabit; Landscape; Place; Gerês; Stage.

In the present paper we propose the identification of new ways of inhabiting through an analysis supported on in situ observation and direct participation in a study case within the professional traineeship context. It is a single family house, located in Serra do Gerês – the Casa Gerês based on the critical analysis and the projectual development, both centred in the habitat (house) / nature (landscape) relationship.

The report presents and describes the problematic of the theme – *new inhabiting trends*, and its adequacy to the professionalized dynamics of the traineeship as a final exam.

The methodology consists in research and bibliographic review, as well as in a housing projectual development. The technical and the practical side of reality crossed ways with the scientific one through the theory, namely within the analysis, concepts and solutions components. Thus, the bibliographic review looked at the architecture phenomenology, namely within the study of the *notions of place*,

inhabit and landscape according to Christian Norberg-Schulz (1980) and Martin Heidegger (1993). The concepts debated were revealed though the evidences found at the workshop practical reality.

The entire debate on the work, and the place created by it, initially contributed to a more thorough notion of this workshop work and its peculiar relationship with the place. The mentioned debate also contributed to create a basis for the experiences arising from the workshop, as well as the contemporary debate that involves the concept of inhabiting and architecture as elements that analyse, design and identifies it.

In sum, the main problematic of the research was based on “*Inhabiting the landscape*”, on the critical analysis of notions such as ‘house’, ‘inhabit’, and ‘landscape’ related to the Casa Gerês, showing that the house is, hypothetically, the materialization of the dialectics between humanity and nature.

RÉSUMÉ

MOTS - CLÉS

Habiter; Paysage; Lieu; Gerês; Stage.

Le présent travail propose l'identification de nouvelles façons d'habiter, grâce à une analyse ayant pour base l'observation *in situ* et la participation directe dans une étude de cas dans le contexte professionnel d'un stage. Il s'agit d'une maison individuelle, localisée à Serra do Gerês – la maison Gerês, ayant pour base l'analyse critique et le développement projectuel, les deux axés sur la relation de l'habitat (maison) et la nature (paysage).

Le rapport présente et décrit la problématique du thème – *nouvelles tendances d'habiter*, et leur adéquation à la dynamique professionnalisante du stage en tant que preuve finale.

La méthodologie a porté sur la recherche et la révision bibliographique, ainsi que sur le développement projectuel d'une habitation. Le caractère pratique et technique de la réalité s'est croisé avec le caractère scientifique à travers la théorie, notamment dans les composants de l'analyse, les concepts et les solutions. Ainsi, la révision bibliographique a porté sur la phénoménologie de

l'architecture, notamment sur l'étude des *notions de lieu, habiter, et paysage* selon Christian Norberg-Schulz (1980) and Martin Heidegger (1993). Les concepts discutés ont été révélés à travers les évidences obtenues dans la réalité pratique de l'atelier.

Le débat sur l'ouvrage et le lieu créé par ce premier a initialement contribué à une notion plus précise de l'ouvrage de cet atelier et de sa relation singulière avec le lieu. Mais le débat mentionné a aussi contribué à établir la base des expériences résultants de l'atelier, ainsi que le débat contemporain sur les concepts habiter et architecture en tant qu'éléments qui analysent, conçoivent et identifient le propre élément.

En somme, la problématique centrale s'est axée sur "*Habiter le paysage*", l'analyse critique des notions 'maison', 'habiter' et 'paysage' associées à la maison Gerês, montrant que la maison est, hypothétiquement, la matérialisation de la dialectique entre l'humanité et la nature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

2 ATELIER

3 HABITAR A PAISAGEM

4 ESTÁGIO

5 CONCLUSÃO

6 BIBLIOGRAFIA

7 ANEXOS

1

INTRODUÇÃO

- 1.1 Objeto de estudo e problemática
- 1.2 Fundamentação
- 1.3 Motivação e objetivos
- 1.4 Metodologia

p.21

[21]
[23]
[27]
[28]

2

ATELIER

- 2.1 Carvalho Araújo - *breve apresentação do atelier*
- 2.2 Valores e filosofia
- 2.3 Estrutura

p.34

[37]
[38]
[39]

3

HABITAR A PAISAGEM

- 3.1 Habitar
 - 3.1.1 Lugar como modo de habitar
 - 3.1.2 Habitar a casa - breve referência à sua evolução
- 3.2 Habitar o Gerês
 - 3.2.1 O lugar
 - 3.2.2 O papel da arquitetura enquanto construção do lugar
 - 3.2.3 O cliente
- 3.3 Gerês - *memória descritiva e justificativa*
 - 3.3.1 A situação
 - 3.3.2 A obra
 - 3.3.3 A ideia concetual e o programa
 - 3.3.4 A entrada
 - 3.3.5 A piscina
 - 3.3.6 Os materiais

p.40

[43]
[44]
[49]
[51]
[51]
[58]
[59]
[60]
[60]
[60]
[61]
[65]
[66]
[66]

4

ESTÁGIO

- 4.1 Caracterização do estágio
- 4.2 Atividades desenvolvidas
- 4.3 O projeto Gerês
- 4.4 A *suíte* principal da habitação

p.82

[85]
[87]
[90]
[94]

5

CONCLUSÃO

p.110

6

BIBLIOGRAFIA

LISTA DE FIGURAS

CRÉDITO DE IMAGENS

p.116

7

ANEXOS

- 7.1 Projetos
- 7.2 Prémios e Exposições
- 7.3 Entrevista

p.124

[125]
[131]
[134]

“ PARA O PÁSSARO, O NINHO É
INDISCUTIVELMENTE UMA CÁLIDA E
DOCE MORADA.

É UMA CASA DE VIDA: CONTINUA A
ENVOLVER O PÁSSARO QUE SAI DO
OVO. PARA ESTE, O NINHO É UMA
PENUGEM EXTERNA ANTES QUE A
PELE NUA ENCONTRE A SUA PENUGEM
CORPORAL.

Gaston Bachelard

1 INTRODUÇÃO

1.1 Objeto de estudo e problemática

O trabalho em regime de estágio consistiu na análise e no desenvolvimento de um projeto de uma habitação de caráter unifamiliar, localizada em Caniçada, na serra do Gerês (ver Fig.2).

A investigação sobre a habitação e o habitar sempre fizeram parte dos temas centrais da arquitetura e das cidades. Como tal, este estágio centrou-se nas relações que uma habitação pode ter, isto é, para além da vertente da habitação edificada focou-se ainda noutras vertentes: *a habitação/o meio; a habitação/o cliente-homem; a habitação/o arquiteto.*

Substanciado por um lugar próprio, é essencial referir o fator evolução/transformação deste lugar, explorando este campo em determinadas perspetivas, mais especificamente na perspetiva contemporânea e nas necessidades em constante mutação do próprio habitante. Deste modo, o objeto de estudo encontrou-se circunscrito a três sujeitos: o sujeito operativo - **o arquiteto**, na medida em que é o que concebe o projeto de arquitetura, **o cliente**, como papel de observador, e **o habitante**, com o papel de utilizador. Esta relação só é possível, quando se trata de um cliente que será futuro utilizador. Embora não se encontre bem explícito, a relação que se estabelece entre os vários elementos é evidente e fundamental para aquilo que se pretendeu problematizar - o modo como se projeta uma habitação, em função da maneira como é habitada. Contudo, como qualidade de estagiária no atelier, eu participei ativamente na operação, uma vez que tive uma proximidade no domínio do sujeito operativo de uma forma refletiva e crítica/observadora.

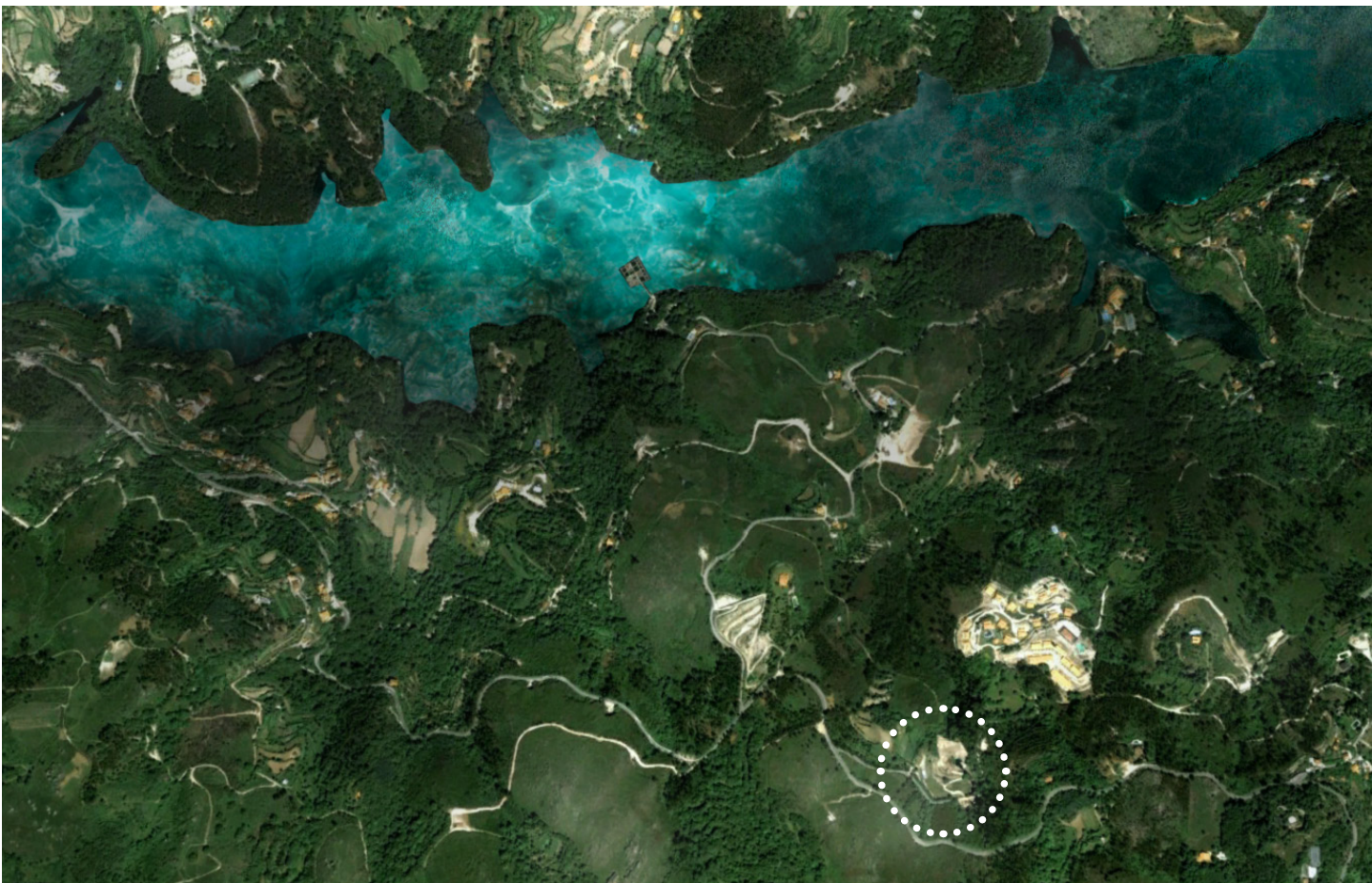


Fig.2 - Localização.

1.2 Fundamentação

A importância do tema está na necessidade de discutir as lacunas no entendimento do lugar, relacionado com o habitat e com o homem. E isto deve-se às diferentes possibilidades de interpretações e de significados.

Durante o estágio, pretendeu-se perceber a relação dos termos, mostrando a relevância do assunto num contexto teórico-prático.

Consistindo num exemplo justificativo para o tema e sendo um projeto de arquitetura real, visou-se a compreensão, a sua resolução e o consequente alargamento dos horizontes, no processo da procura metodológica dos temas que foram abordados. Foi essencial enquadrar-se o tema no contexto que se trata, abordando as fortes vertentes que o objeto de estudo nos pode mostrar.

Através de uma obra de arquitetura (que não é imaginária), do envolvimento profissional na fase de projeto em atelier e do acompanhamento de obra no local, encarada como obra resultante da ação humana, tentou-se justificar o que na teoria foi dito.

O habitar é algo inato ao ser humano. Enquanto crianças, provavelmente o primeiro desenho feito é a casa - representação intimamente relacionada com a cultura, com a vida familiar e com aspetos identitários. (ver Fig.3) Isto sugere que o desenhar da casa suporta todos os valores da sociedade.

A temática da habitação, no contexto de uma prova final de mestrado integrado em arquitetura, é simultaneamente basilar e crítica, na medida em que este elemento é um dos exercícios que mais fazem parte da prática profissional de



Fig.3 - Desenho infantil.

qualquer arquiteto, quer em projetos universitários, quer ao longo da carreira profissional.

A habitação é indissociável à arquitetura e a casa desde sempre foi objeto de estudo desta área, ou seja, desde sempre foi um pertinente campo de experimentação arquitetónica. Tal como Frank Lloyd Wright diz

Declaro que chegou a hora para a arquitectura reconhecer a sua natureza, compreender que deriva da vida e tem como objectivo a vida como hoje a vivemos, de ser, portanto uma coisa inteiramente humana. Se vivermos com personalidade e beleza, a arquitectura torna-se a necessária interpretação da nossa vida...Sim, a interpretação da vida: esta é a verdadeira tarefa da arquitectura, pois os edifícios são feitos para se viver neles, para se viver neles com felicidade, são construídos para acrescentar o prazer de viver. (Wright citado em Zevi 1978, p. 426)

É neste sentido que a proposta do atelier ao seleccionar esta temática para projeto de investigação, contribuiu fortemente para a minha formação na área de arquitetura. Uma habitação não é redutível à sua função habitacional ou até a um campo de investigação, é antes um campo de necessidades que se estende à satisfação própria do cliente e é determinante no seu valor de uso.

Conceber soluções habitacionais para um habitante específico é um desafio para qualquer arquiteto. Não é apenas importante restringir a habitação ao meio onde se insere, à qualidade própria, mas também à relação que a primeira tem ou poderá vir a ter com esse habitante, assim como os seus modos de vida e a relação com o seu habitat envolvente. Portanto, parece que ao problematizar a casa enquanto objeto de estudo isolado, poderá trazer vantagens metodológicas, principalmente por permitir uma melhor leitura dos factos e das interações *habitante-habitação-habitat*.



**...reforçar a minha formação na
dialética arquitetura/habitat.**

Fig.4 - Atelier.

1.3 *Motivação e objetivos*

Sendo o estágio entendido como uma modalidade possível neste ciclo final de estudos, esta opção como prova final visou responder a uma das fases mais importantes da minha formação acadêmica.

Em ordem a responder claramente às minhas motivações ao longo dos cinco anos acadêmicos e a garantir uma formação de excelência, selecionei o atelier J. M. Carvalho Araújo, Arquitetura e Design, S. A. O critério de seleção deveu-se ao facto do arquiteto Carvalho Araújo ter sido o primeiro professor no meu percurso universitário, no primeiro ano, na disciplina de Projeto. Foi realmente ele quem me ensinou as noções básicas do pensar a arquitetura. Deste modo, foi um dos meus objetivos de estágio perceber a vivência em atelier (ver Fig.4), o arquiteto como coordenador de toda a equipa, contrapondo o papel de professor visto até então, e compreender os métodos de trabalho deste espaço.

Foi também objetivo compreender a dinâmica do trabalho projetual e da equipa, aliado à multidisciplinaridade e gestão do atelier, essencial para uma boa prática de arquitetura. Por outro lado, sei que esta entidade me proporcionou uma experiência complementar à minha formação acadêmica. De igual modo, foi um grande objetivo retribuir o mesmo à equipa, dando para isso, o meu maior contributo e disponibilidade em todas as tarefas.

Assim, os objetivos passaram por:

- realizar atividades determinadas em atelier;
- colmatar lacunas no domínio de algumas especialidades e normas que regem os projetos de arquitetura;
- perceber/conhecer a relação arquiteto/cliente;
- conhecer a forma de gestão e organização de um atelier de arquitetura;
- interagir e integrar o trabalho com a equipa colaboradora;
- obter a máxima experiência prática, em atelier;
- reforçar a minha formação na dialética arquitetura/habitar.

Depois de tantos projetos concetuais não realizados no âmbito académico, chegou a fase de vermos realmente aquilo que tanto ansiámos. Tive como objetivos específicos a análise concetual de um projeto específico selecionado pelo atelier, a produção de reflexões teóricas e práticas e o conhecimento das opções implementadas. Apesar da obra se encontrar em fase de construção, existem alguns confrontos de ideias, alternativas que estão ainda por concluir e que serão discutidas, onde participei ao longo do estágio.

As atividades desenvolvidas em ambiente de estágio encontram-se descritas no sub-capítulo 4.2 - *Atividades desenvolvidas*, inseridas no capítulo *Estágio*.

As escalas de trabalho foram diversificadas, desde os arranjos exteriores ao detalhe construtivo, passando pelo desenvolvimento de *design* de interiores, a uma escala mais pormenorizada. Não menos importante (como forma de prova final de mestrado), foi a sintetização de todas as atividades e, paralelamente, a reflexão do projeto incumbido, tomando consciência de todos os problemas que poderam estar associados a todo o processo construtivo inerente à obra. Foi também importante compreender a relação entre as várias áreas implícitas num projeto e participar em cada uma delas.

1.4 Metodologia

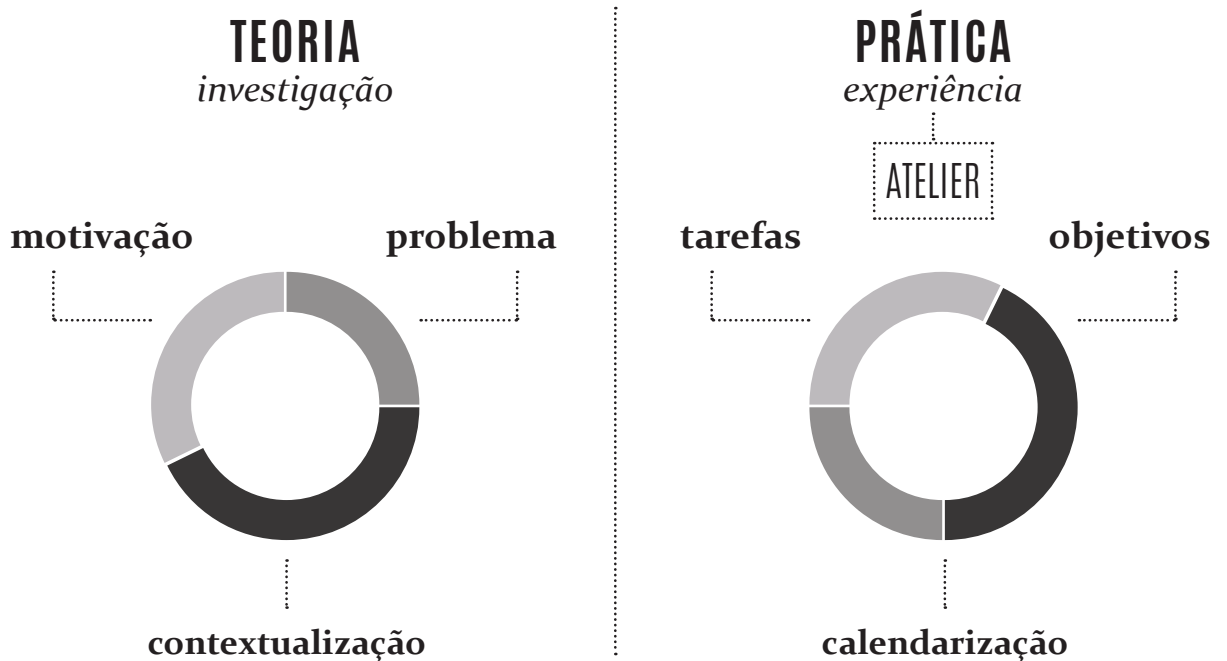
O capítulo da metodologia refere-se ao método de elaboração do relatório de estágio como prova final. Para esse efeito, inclui uma componente prática e profissional, bem como uma componente científica da problemática em questão '*Habitar a paisagem: análise, conceitos e soluções*' (ver Fig.5).

A metodologia foi feita através de quatro fases fundamentais: (1) desenvolvimento de dados primários (peças desenhadas, estudos espaciais, mapeamentos, maquetas, entrevistas semi-estruturadas); (2) análise e seleção de dados secundários (bibliografia, desenhos, mapas, cartografia, fotografias, etc); (3) a síntese conceptual de toda a informação recolhida; e (4) processamento e cruzamento dos dados primários (em atelier e em obra) e secundários (Bibliotecas, Google Earth, entre outros).

CASA GERÊS

NOVOS MODOS DE HABITAR // objeto de estudo

análise - conceitos - soluções



IDEIA CONCRETUAL

opções implementadas

- Entrevistas
- Fotografias
- Ficheiros
- Desenhos
- Entregas
- Maquetes

- Acompanhamento de obra
- Desenvolvimento de desenhos
 - Actualização dos existentes
 - Projeto de execução
- Experiência / Atelier

RELATÓRIO

Habitar a paisagem: análises, conceitos e soluções

Fig.5 - Diagrama metodológico.

Os resultados do relatório de estágio concentram a prática profissionalizante à dimensão de investigação científica obtidos na teoria.

A análise pretendeu descrever o objeto de estudo, considerando o seu contexto, toda a pesquisa da literatura e observação *in situ*. Simultaneamente, foi feita uma revisão bibliográfica a que se associou como método de investigação primário o estudo de caso. Foram também ferramentas de pesquisa e de trabalho, algumas entrevistas e/ou conversas que se tiveram tanto com o arquiteto como com o cliente. No entanto, a observação e a participação em obra e em atelier foram essenciais.

Pode definir-se o processo de trabalho através de tópicos que determinaram a sequência da abordagem:

- 1 - análise do contexto;
- 2 - síntese de conceitos acerca do tema tratado;
- 3 - estratégias e soluções de projeto;
- 4 - dinâmica de obra e contacto com o local.

Com base neste método, fez-se uma síntese de toda a informação recolhida pertinente, da qual resultou a organização do relatório que aqui se segue. Neste seguimento, o documento trata de temas/capítulos referentes à questão inicial, e que são descritos por sub-capítulos, descrevendo todo o processo de investigação. Porém, pode dividir-se em duas partes de estudo: a primeira reservada a uma abordagem mais teórica e a segunda mais prática e técnica, realizada em atelier.

Na introdução referem-se alguns dos autores estudados, onde se tentou fazer uma abordagem histórica do tema, apesar de sintética. Ainda nesta primeira parte, abordou-se a contextualização do tema estudado, no sentido de perceber a importância deste e da sua exequibilidade.

O primeiro capítulo - *Atelier* -, dedicado ao local de trabalho, apresenta a história do atelier e a ambiência/filosofia tanto do espaço como da equipa colaboradora. Ainda é referida a estrutura do atelier.

No segundo capítulo - *Habitar a paisagem* -, expõem-se as linhas de pensamento de acordo com o que foi lido e refletido na revisão bibliográfica.



Tratam-se os temas gerais deste trabalho, com a principal visão no objeto de estudo, na construção de um lugar. De certa forma, é aqui explorada a experiência do estágio (ver Fig.6)., nomeadamente, as conversas tidas com o Arq. Carvalho Araújo e posto em prática aquilo que foi apreendido de todas as lições de atelier.

Neste capítulo, estão intrínsecos temas como o habitante, o lugar, o habitat (ver Fig.7). De forma mais pormenorizada, retrata-se o local de intervenção e as dificuldades encontradas, nomeadamente o específico local da casa, a importância da arquitetura na sua construção e as características do cliente relativamente à sua encomenda. Ainda é descrita a habitação estudada, assim como é referida a estratégia concetual do projeto, especificamente o programa, a relação exterior/interior, a piscina, entre outros.

No terceiro capítulo - *Estágio* -, apresentam-se as atividades desenvolvidas, nomeadamente a tarefa que se prolongou durante todo o período de estágio. Referem-se os resultados e as dificuldades encontradas, no contexto de atelier. A partir destes métodos, foi possível a compreensão, explicação e ainda diversas alterações que surgiram ao longo de todo o processo.

Fig.6 - Reunião de atelier.

MORADOR
ESPAÇO ESPAÇO

ARQUITETO
ENVOLVENTE

IDENTIDADE
ESPAÇO
RELAÇÃO
RELAÇÃO

ESPAÇO

HABITAR
CASA
HABITAT

ENVOLVENTE
ESPAÇO

ENVOLVENTE

LUGAR
CASA

HABITAR
ESPAÇO
LOCAL
ESPAÇO

HABITAR

OCUPANTE
OCUPAR

RELAÇÃO
LOCAL

HABITAÇÃO

HABITAR
LOCAL
CASA
PAISAGEM

SÍTIO
HOME

ENVOLVENTE
HABITAR
HABITAR

ESPAÇO
ENVOLVENTE
ESPAÇO
CASA

HA

SÍTIO
ENVOLVENTE

ARQUITETO
CASA

CASA
OCUPANTE

ENVOLVENTE

RELAÇÃO

HABITABILIDADE

ENVOLVENTE
ESPAÇO

HABITAR
HABITAR

CASA
SÍTIO

HABI

HABITAR

HABITAT

HABITAT ARQUITETO

CASA HABITAR ENVOLVENTE

CASA HABITAR

HABITAT

ENVOLVENTE ARQUITETO

IDENTIDADE ENVOLVENTE

OCUPANTE

SÍTIO

OCUPANTE

ENVOLVENTE

HABITABILIDADE

ARQUITETO

RELAÇÃO LUGAR

IDENTIDADE

HABITABILIDADE

ARQUITETO

ÇO

HABITAT

HABITAR

MORADOR ARQUITETO

LOCAL

OCUPANTE

ENVOLVENTE

SÍTIO

CASA

HABITAR

ESPAÇO

HOMEM HOMEM

MORADOR

HOMEM

CASA

CASA

CASA

ARQUITETO

OCUPANTE MORADOR

HABITAT ESPAÇO ESPAÇO HABITAT

ESPAÇO

HABITAR

HABITAT

HABITAT

HABITAR CASA HABITAR

ENVOLVENTE

ENVOLVENTE

PAISAGEM

Fig.7 - Brainstorming habitat.

2 ATELIER





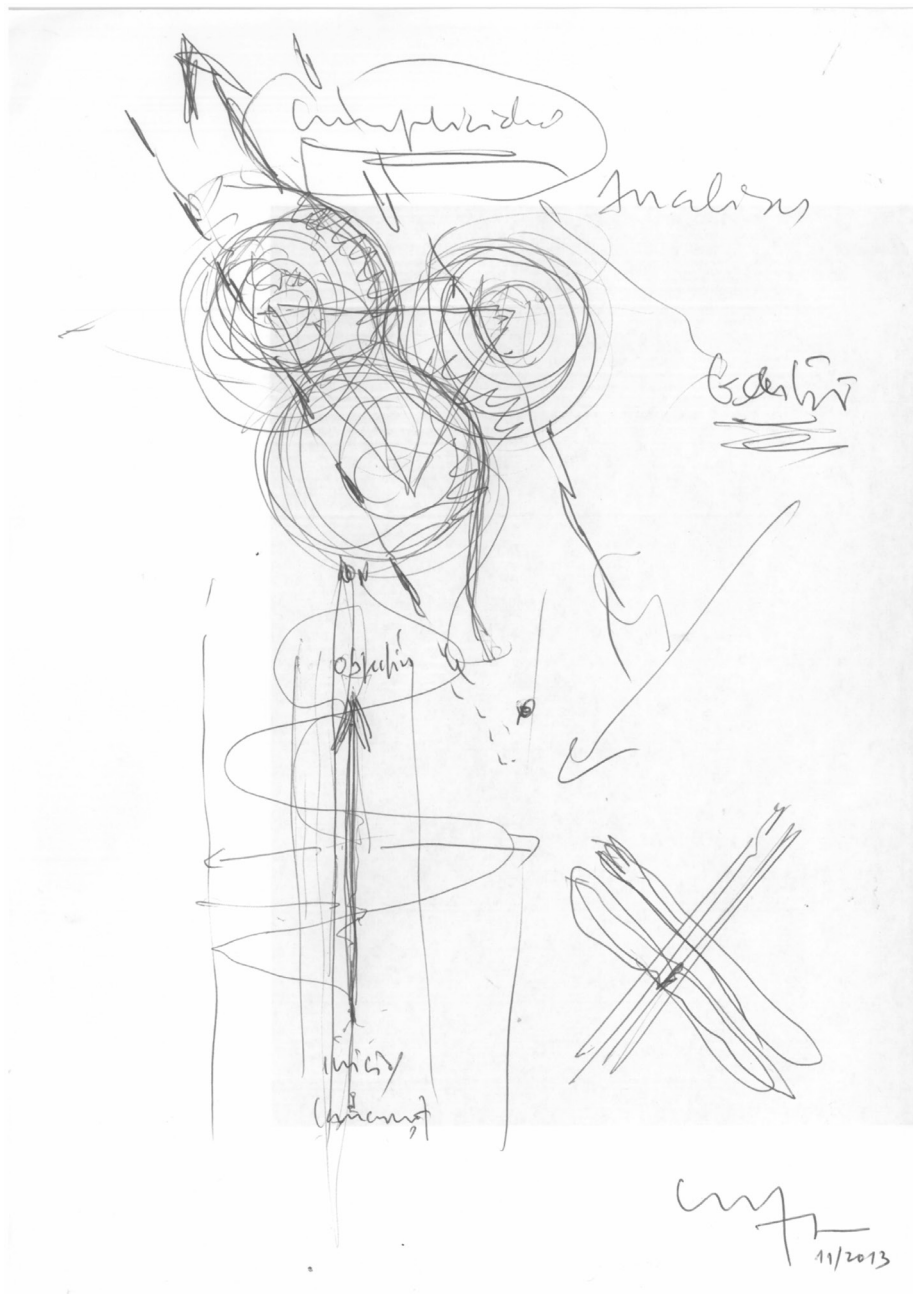


Fig.9 - Linha de pensamento de Carvalho Araújo.

2.1 **Carvalho Araújo** - breve apresentação do atelier

José Manuel Carvalho Araújo nasceu em Braga, em 1961. Desde pequeno que o gosto do desenho floresceu, através de vários trabalhos, mais ligados à indústria¹, na empresa do seu pai.

Conclui o curso de arquitetura em 1990, na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.

Cria o seu atelier em Novembro de 1996, próximo de zonas industriais, em Braga.

Inicialmente, mais orientada para a área do design industrial, a empresa procurou libertar-se desta âncora, que é considerada como gosto pessoal do arquiteto, e conquistar lugar noutros mercados de arquitetura. De tal forma é assim que, o design é hoje uma área complementar à área de arquitetura.

Em 2011, o escritório muda-se para o centro da cidade, para a casa onde o arquiteto nasceu.

...sentia necessidade de vir para um espaço mais urbano e central. Este edifício é familiar e tem muito significado para mim. (Araújo 2013)

Desde 2005 até 2010, foi professor na Universidade Católica Portuguesa, em Viseu, na disciplina de Projeto, onde durante vários anos foi orientador de dissertações de mestrado de

¹ *...na indústria, acabou por assistir-se à importância do desenho mais tarde e foi aí que comecei. Eu comecei a participar no desenho, na secção de material de escritório da empresa do meu pai, depois acabei por ficar como responsável desse sector. Na arquitetura, 'limitava-me' a fazer os stands de exposições nacionais e internacionais da empresa. Com o tempo, comecei a fazer algumas obras, nomeadamente casas e espaços comerciais para amigos e conhecidos... Foi assim que comecei. (Araújo 2013. Entrevista Arquiteto Carvalho Araújo, Revista SIM. (online) Fonte: <http://revistasim.com/pt/?p=937>, acedido a 24 Maio 2014)*

arquitetura. No âmbito dos projetos de arquitetura abrange uma obra diversificada, nomeadamente, edifícios públicos, edifícios escolares, habitações, espaços comerciais, entre outros. Relativamente às suas obras, destacam-se a Galeria Mário Sequeira (Braga, 2001), Casa JC (Ponte de Lima, 2004), Museu da Geira (Terras de Bouro, 2009), Restaurante De Lemos (Viseu, 2011) e o espaço GNRation (Braga, 2011), (ver Anexo 1). Complementarmente, o atelier presta serviços de design e comunicação, sobretudo orientada para os seus clientes de arquitetura.

Atualmente, autor de muitos projetos, viaja frequentemente para acompanhar o progresso das suas obras e para encontrar novas formas de mostrar a sua arquitetura. No Brasil, o seu trabalho começa a ser reconhecido, e começa a ter projetos em curso. Frequentemente, é galardoado com vários prémios e ainda este ano, foi o primeiro classificado no Prémio Nacional de Reabilitação Urbana, com o projeto GNRation, em Braga (ver Anexo 2).

2.2 Valores e filosofia

Como principais valores, o atelier assume a proximidade com o cliente, a inovação e a criatividade. O processo continua a ser o de sempre, explorar os vários desenhos e estabelecer pontes entre eles, numa perspetiva de melhoria contínua.

Entusiasmo-me com todos os projetos, pequenos ou grandes. (Araújo 2014, Anexo 3)

Para o arquiteto, o cliente é especial, na medida em que deve ser entendido em toda a sua extensão da sua relação com o atelier. Desta maneira, percebe-se as diferentes relações que se tentam implantar no espaço de trabalho, isto é, não é um simples trabalho independente, mas sim uma equipa em família.

Um atelier com quase vinte anos de história, procura o sucesso/qualidade, através de identidades. Entende a arquitetura como a gestão e organização, no imediato, de espaços, mas de grande responsabilidade para outros desenvolvimentos, quer de “identidades” (lugares, pessoas, ...), quer de



3 HABITAR A PAISAGEM

3.1 Habitar

Como ponto de partida, considera-se o *habitar* enquanto experiência do pensamento e, conseqüentemente, a arquitetura como instrumento revelador de ação, ou como elemento concretizador dessa experiência.

Este relatório debruça-se não apenas num único problema, mas sim em vários problemas que, quando solucionados, permitem chegar a uma conclusão acerca da complexidade e heterogeneidade desta temática. Ao investigar a habitação, pode afirmar-se que esta questão incide e influi, nos vários intervenientes - o *arquitecto*, o *cliente*, o *habitante*. Ou seja, depressa se interioriza este problema em quem habita, contribuindo para uma crítica capaz de formar várias opiniões sobre a *casa* - dirigindo esta problemática não apenas para arquitectos ou estudantes de arquitetura, mas para qualquer indivíduo.

Ao dizer que se pretende investigar a habitação, a pergunta que imediatamente se coloca é: o que é o ato de habitar? Responder a esta questão é um dos principais desafios que teve de se encarar. Do mesmo modo, sabe-se que, à partida, esta questão nos leva ao reconhecimento da casa enquanto agente produtor de subjetividade, pelas inúmeras possibilidades de abordagem que esta envolve. Assim, o campo de trabalho implica escolher o problema de investigação e focar a abordagem da habitação, adotando a experiência própria do 'habitar' como objeto de estudo.

A definição da palavra 'habitat' é ambígua e reverte-nos para as suas origens. Se a casa é o fundamento da arquitetura, o que estará na origem do habitar? O que terá fundado a necessidade de construir para habitar? Analisa-se, primeiramente o vocábulo como termo. De acordo com o Dicionário Houaiss, o termo '*habitat*' significa

1. conjunto de circunstâncias físicas e geográficas que oferece

condições favoráveis à vida e ao desenvolvimento de determinada espécie animal ou vegetal; 2. conjunto de condições de organização e povoamento pelo homem do meio em que vive; 3. local onde alguém se sente no seu ambiente ideal (Houaiss 2011, p. 324).

Ora, pode partir-se daqui. *De que forma habitamos? O que habitamos? Onde habitamos e qual a relação entre a habitação e o modo de habitar?* Todas estas perguntas são legítimas na prática da arquitetura e podem ser discutidas.

A noção de habitat é uma célula primária, é o nosso porto seguro, demonstrativa de um gesto inato ao homem, ligado ao conceito de espaço, na temática da arquitetura. Neste contexto, Bruno Zevi afirma que

... as quatro fachadas de um edifício constituem apenas a caixa dentro da qual está encerrada a jóia arquitectónica, isto é, o espaço. (Zevi 1996, p.20)

Portanto, é um ponto de partida perceber em que medida a arquitetura pode influenciar, ou reconfigurar a forma de habitar.

Está subjacente a problemática da habitação, como forma de criar não só um simples abrigo, mas também uma relação produtiva de subsistência e poética com o ambiente envolvente.

... o espaço existencial não pode ser compreendido somente por causa das necessidades do Homem, mas antes unicamente como resultado da sua interação e influência recíproca com um ambiente que o rodeia, que tem de compreender e aceitar. (Norberg-Schulz 1975, p.33)

É importante perceber a posição da arquitetura na reconfiguração do habitar a natureza, tornando-se fundamental a relação entre o homem e a própria natureza.

3.1.1 Lugar como modo de habitar

A problemática sobre o conceito de lugar é atual, mas não é nova. Este vocábulo tem vindo, direta ou indiretamente, a acompanhar o homem desde sempre. A definição deste conceito atravessa uma infinidade de teorias diversificadas,

desde às suas características cheias de significado, enquanto conceito físico e fenomenológico, ao conceito utilizado como vago e ininteligível. No entanto,

“A sensibilidade em relação ao lugar por parte da arquitectura contemporânea é um fenómeno recente” (Montaner 2001, p.27)

Sublinha-se a importância dos lugares, enquanto campo de formulações de ideias do arquiteto. Quanto ao facto de se tratar de habitar um espaço, a reflexão teórica para essa tarefa emerge na obra de Martin Heidegger² ‘*Construir, habitar, pensar*’, interpretado por Christian Norberg Schulz, na relação entre o construir e o habitar.

Se habitar é, de acordo com Heidegger, o princípio básico da existência, então, a casa torna-se o lugar central da existência humana, o lugar onde a criança aprende a compreender o seu ser no mundo, o lugar donde o homem parte e ao qual volta. (Muga 2006, p.95)

Schulz é tido como um defensor da fenomenologia do lugar, como potencial da arquitetura, entendendo o lugar enquanto fenómeno.

A arquitetura como um modo primordial de interpretar o mundo gera ordem, determinando o lugar do indivíduo na natureza e na comunidade. (Norberg-Schulz citado em Harries 1983, p.16)

Um lugar é composto ou é traduzido pela vivência do Homem no espaço, física ou simbolicamente, pressupondo uma série de relações entre espaços e vivências.

...os espaços onde se desenvolve a vida são antes de tudo lugares... (Heidegger citado em Montaner 2001, p. 40)

² Heidegger, M. *Construir, Habitar, Pensar. Vortrage and Aufsätze*. Pfullingen: Gunther Neske, 1954.

O lugar tem uma posição importante no espaço, na medida em que é ele que afirma a relação entre os vários intervenientes do espaço, quer seja entre o arquiteto e o lugar ou entre o cliente e o lugar, ou melhor ainda, entre o ocupante e o lugar. No entanto, o espaço como significado é diferente de lugar

...a ideia de lugar diferencia-se da de espaço pela presença da experiência. Lugar está relacionado com o processo fenomenológico da percepção e da experiência do mundo por parte do corpo humano. (Montaner 2011, p. 37)

O espaço só é entendido quando se torna possível identificar os limites dos seus lugares, ou seja, só existe espaço porque se consegue identificar o lugar (ver Fig.12). Esse autor ainda completa a definição dizendo que:

Em pequena escala, o lugar é entendido como uma qualidade de espaço interior que se materializa na forma, textura, cor, luz natural, objetos e valores simbólicos. (...).Em grande escala, é interpretado como genius loci, como capacidade para fazer aflorar as preexistências ambientais, como objetos reunidos no lugar, como articulação das diversas peças urbanas (praças, rua, avenida). Isto é, como paisagem característica. (...) a correta relação entre a pequena escala do espaço interior e a grande escala da implantação. (Montaner 2011, p. 37)

A ideia de lugar é relevante na posição de Norberg-Schulz, no conceito romano 'genius loci' e não apenas como um simples espaço ou localização geográfica.

Genius Loci é um conceito romano. De acordo com as crenças romanas qualquer ser 'independente' tem o seu 'genius', o seu espírito guardião. Este espírito dá vida às pessoas e aos lugares, acompanha-os do nascimento até à morte, e determina o seu carácter ou essência. (Norberg-Schulz 1984, p.18)

A definição de habitar, seguindo o pensamento de Norberg-Schulz, é entendido como a relação do homem com o lugar e define que

eliminando o lugar elimina-se ao mesmo tempo a arquitetura... O espaço existencial consiste sempre em lugares. (Montaner 2011, p.41)

Esta posição, é confirmada quando refere que

O Homem habita quando se consegue orientar 'em' e 'identificar-se' a si próprio com o meio envolvente ou, quando experimenta a envolvente como significativa. (Norberg-Schulz 1975, p.5)



Fig.12 - Lugar. Ilha das Berlengas.

Estes dois conceitos, diretamente complementares, traduzem a identificação/ criação do lugar, inerente à apropriação que o homem faz deste (ver Fig.13).

A palavra habitar indica uma relação total Homem-Lugar. Esta implica a distinção entre espaço e caráter. Quando o homem habita, ele é simultaneamente localizado no espaço e exposto a um certo caráter ambiental. As duas funções psicológicas envolvidas são a “orientação” e a “identificação”. Para ganhar a sua identidade existencial este tem que ser capaz de se orientar, tem que saber onde está, mas também tem que se identificar com o ambiente, ou seja, tem que saber como está num certo Lugar. (Norberg-Schulz 1984, p.19)

Para Christian Norberg Schulz, o homem deve ser capaz de captar o seu ‘genius’ no lugar onde habita. A construção do lugar, significa concretizar o ‘genius loci’ e implica a reunião de várias realidades que, quando reunidas, transformam o lugar e definem a sua identidade, o seu ‘espírito de lugar’. (Norberg-Schulz 1980)

Cada lugar é um só. Cada lugar contém uma história que, com as suas qualidades pré-existent e intervenções até então, e ainda com as suas características simbólicas, marcam a identidade do lugar.

O lugar é assim, definido por

substantivos, pelas qualidades das coisas e dos elementos, pelos valores simbólicos e históricos; é ambiental e está relacionado fenomenologicamente com o corpo humano. (Montaner 2011, p.31)

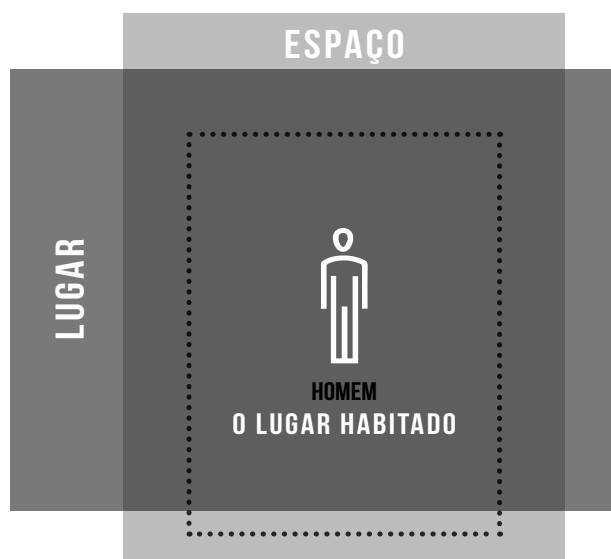


Fig.13 - Esquema da relação entre o espaço, lugar e homem.

3.1.2 Habitar a casa - breve referência à sua evolução

O papel da arquitetura marca um ponto singular em cada lugar. Atualmente, o projeto de uma casa é mesmo este - a reflexão da forma de habitar o lugar e da associação com o mundo tecnológico, desprezando muitas vezes as suas origens. O conceito de habitar está intrinsecamente ligado às diferentes formas de vida, pois

Alguma da actual tipificação da nossa forma de vida doméstica e do espaço de habitar assenta em ideias de funcionamento, de conforto e de higiene definidas por esta normativa. A organização geral da habitação, a constituição dos quartos, o dimensionamento da cozinha, o número e funcionamento das instalações sanitárias e a largura dos corredores são dados da nossa casa regulamentados tendo em vista a defesa de um conjunto de condições de habitabilidade, na tradição higienista e de controlo social do século XIX, que hoje podem ser interrogadas face à necessidade de responder às solicitações contemporâneas da habitação como local de vida e de trabalho. (Ramos 2002, p.33)

A forma de habitar refere-se ao homem, à capacidade que ele tem de ocupar o espaço, ou seja, à forma como habita o espaço. Desde sempre que o homem constrói para habitar, e não habita para construir.

Primeiro foi a caverna. O homem, animal com uma clara racionalidade, (...), refugiou-se nas cavernas para se proteger do frio e da chuva e para se defender do ataque de outros animais irracionais. (...) Depois veio a cabana. (...) pôde então, com mais liberdade do que acontecia com a caverna, elege o sítio e decidir o local e a forma da sua habitação. (...) E, finalmente, chegou a casa. O refugiar-se e o defender-se transformaram-se no habitar. (Baeza 2004, p.57)

Dentro de uma visão fenomenológica, segundo a teoria de Schulz, o espaço habitado é caracterizado pelo sentimento de intimidade, de pertença e de conforto. Esse espaço passa a ser chamado lugar depois de ser materializado, ganhando automaticamente a conotação de casa.

Se o homem como animal se refugiou nas cavernas, e como ser racional construiu a cabana, o homem como ser culto, criador, concebeu a casa como morada para habitar. (Baeza 2004, p.57)

Mas, realmente, qual é o significado de casa?

A casa, a *domus*, a *home*, é o lugar do morador, é o seu refúgio, um lugar de retiro do - núcleo familiar, da representação social. No entanto, as respostas poderão ser diversas na medida em que, claramente, são o produto da individualidade de cada um e da interação que se faz com o espaço.

A casa é um objeto individual, correspondendo a um sentido de propriedade ou a um espaço privado, e simultaneamente a um modo próprio de habitar, com memórias intrínsecas dos principais moradores.

Diga-se que esta dialética entre o homem e o lugar é primordial na escala da habitação, podendo até ser definido por um processo de simbiose, uma vez que a inter-relação de homem-matéria-sentidos torna-se obrigatória na vivência do espaço enquanto lugar.

A casa é uma tipologia paradigmática no que respeita à evolução arquitetónica porque pressupõe uma série de experimentações do arquiteto, satisfazendo as necessidades do cliente. Porém, as novas formas de habitar a casa (ou os novos hábitos sociais), provocam alterações no conceito de habitabilidade e da experimentação.

Face às tendências de evolução da sociedade e às características do modo de habitar, a evolução da casa traz consigo um avanço tecnológico, um cenário para o qual o arquiteto deve sentir-se preparado. As exigências do mundo de hoje assim o pedem, no sentido em que muitos auguram o abandono da tradicional distribuição, em prol de espaços abertos e funcionais que se aproximam das inovações tecnológicas, respondendo simultaneamente às novas solicitações sociais.

3.2 Habitar o Gerês

A casa Gerês foi a obra sobre a qual me debrucei no tempo de estágio em atelier. O projeto foi pedido em 2009 e a sua construção terá tido início em 2013. No entanto, atualmente está ainda numa fase de conceção da qual eu fiz parte durante o estágio, no que diz respeito ao desenvolvimento de desenhos de envio para a obra, assim como dos desenhos finais do projeto.

O projeto localiza-se na Avenida Encosta da Caniçada, nº 512, 4850-053 Caniçada, requerida pelo Sr. José Maria Ferreira.

3.2.1 O lugar

Qualquer indivíduo que visite o lugar, aquele lugar, depara-se inevitavelmente por uma série de sensações. É como se de um jogo se tratasse. Um jogo de dar e receber. Um jogo recíproco entre o homem e o lugar. A sensibilidade em relação àquela paisagem é um fenómeno natural. As árvores que em Dezembro estavam despidas, passados meses cobriam a paisagem. Do som dos pássaros e da água, ao cheiro de toda a frescura que o caracteriza. Da sombra matinal à penumbra que se faz sentir ao fim da manhã. Tudo parece irreal. Parece mais um diálogo com a beleza pura do que o ‘contar de uma visita à obra’.

Ao falarmos de arquitetura, de ‘casas’, sobressai imediatamente um ambiente, inserido num lugar. Um lugar? Fala-se do Gerês. Um lugar concreto, empírico, definido pelos mínimos detalhes. Aquele lugar tem uma natureza infinita, cujos fenómenos lhe são imanentes. Quer pelo tipo de elemento - uma árvore, uma pedra, a água, um som, uma sombra, uma luz - , quer pelas qualidades que lhe são intrínsecas. Todo o ambiente se distingue de outros e não se dilui com eles. E é esta essência que marca o sentido originário deste lugar. Neste lugar, existe vida, existe uma identidade temporal e tal como Heidegger diz

os espaços recebem a sua essência não do espaço mas sim do lugar ... os espaços onde se desenvolve a vida são antes de tudo lugares” (Heidegger citado em Montaner 2011, p.41)

Uma vez que o papel da arquitetura é construir lugares para habitar, o conceito de lugar é imediatamente questionado.

A arquitetura deve ser, sempre que possível, muito sensível aos lugares e deve valorizá-los. No final, o ideal é que esses lugares fiquem mais ricos e quase que não se consiga olhar para ele sem a obra, fazendo disto, a obra pertencente ao lugar. (Araújo 2014, Anexo 3)

O lugar foi, desde sempre, o campo de forças para este projeto. E depois disso, é visto como um lugar arquitetônico, onde é encarado como obra resultante da ação humana, pedido por um *cliente*, produzido por um *arquiteto*, interpretado por um *habitante*.

É no lugar, que se dá a condição plena de habitabilidade. É através do lugar que nasce o desenho. (ver Fig.14). E através do desenho, este lugar transforma-se no novo lugar do morador.

Tomando o lugar como fonte de inspiração deste projeto, importa realçar a estruturação do projeto ou a interseção dos vários elementos em jogo. Ou seja, pode estruturar-se em três campos distintos: espaciais, ambientais e humanos. O primeiro refere-se às questões tridimensionais, à volumetria, às áreas estabelecidas, à configuração espacial e às suas proporções. O segundo, diz respeito às características espaciais, desde a altitude, ao relevo, à luminosidade, aos sons naturais, até à orientação solar. O último, como forma de enaltecer os dois anteriores, relaciona-se com a interação do homem neste espaço, tornado por si lugar. A sua influência, a sua presença quer física quer simbolicamente, estabelece uma comunicação perceptível com os outros atributos, conferindo novos valores e significados ao lugar.

O Gerês, a Caniçada, propriamente dito, considera-se um lugar com enraizamentos, denotando que o espaço e o tempo assumem um valor importante na interpretação deste espaço e aparecem indissociáveis. O espaço lido através do movimento do Sol e das ações humanas é definidor do lugar. O espaço, por sua vez, está sempre ligado à história e tem assumidamente uma orientação definida por aquilo que nos pode contar. É já, por si só, um lugar.

O fator tempo, que pressupõe uma variedade de características físicas, está associado a uma instabilidade temporal de fenómenos naturais, memórias(vestigios), fragmentos da natureza, situando o sujeito no seu devir. Com o tempo, o lugar é demarcado entre o passado, o presente e o futuro, ou

seja, entre memórias, experiências e expectativas. É com estes elementos que se aborda este sítio, elementos fundamentais para a constituição deste lugar.

Como tal, surge a pergunta: De que modo, se pode construir ou transformar este lugar?

As respostas poderão ser o produto da individualidade de cada pessoa e da interação diversa que faz com o lugar. Através do desenho, este lugar transforma-se noutra, com mais elementos que o podem definir, para além de que será o novo lugar do morador.

Antes de se querer desenhar no Gerês, houve a necessidade de pensar e repensar o lugar, tendo em conta a sua história. Isto porque, o lugar, na sua origem e nos seus significados, contém ferramentas enriquecedoras para a ideia concetual posterior. Portanto, a forma mais estimulante será entender o sítio como elemento morfológico com a sua própria identidade, cujas características devem ser o ponto de partida para a prática de arquitetura e não camufladas ou ignoradas. Deste ponto de vista, o arquiteto é o ator principal para fazer jus a este campo de forças e deve, por isso, descobrir quais as essências do lugar, os fatores históricos e os seus principais símbolos, que permitam estabelecer a comunicação com a identidade.

Este local é, morfológicamente de declive bastante acentuado, com orientação a Nordeste (ver Fig.15). No entanto, o terreno vira-se para a paisagem. Caniçada fica situada na margem esquerda (sul) da Barragem da Caniçada.

Verifica-se que aquele espaço é um espaço de exceção e que vai despertar aquilo que eu sempre defendi na arquitetura - vai despertar sensações e provocar novos comportamentos. (Araújo 2014, Anexo 3)

O terreno é fortemente vegetativo e a sua envolvente é diversificada. Concentra uns taludes que têm uma presença muito marcante no local e que de certo modo, puderam ser reforçados ou complementarmente aproveitados para as futuras hortas. Apresenta ainda um elemento diferenciador de outros locais: uma linha de água. A proposta passou pela sua preservação e consolidação.

Fig.14 - Maquete da habitação.

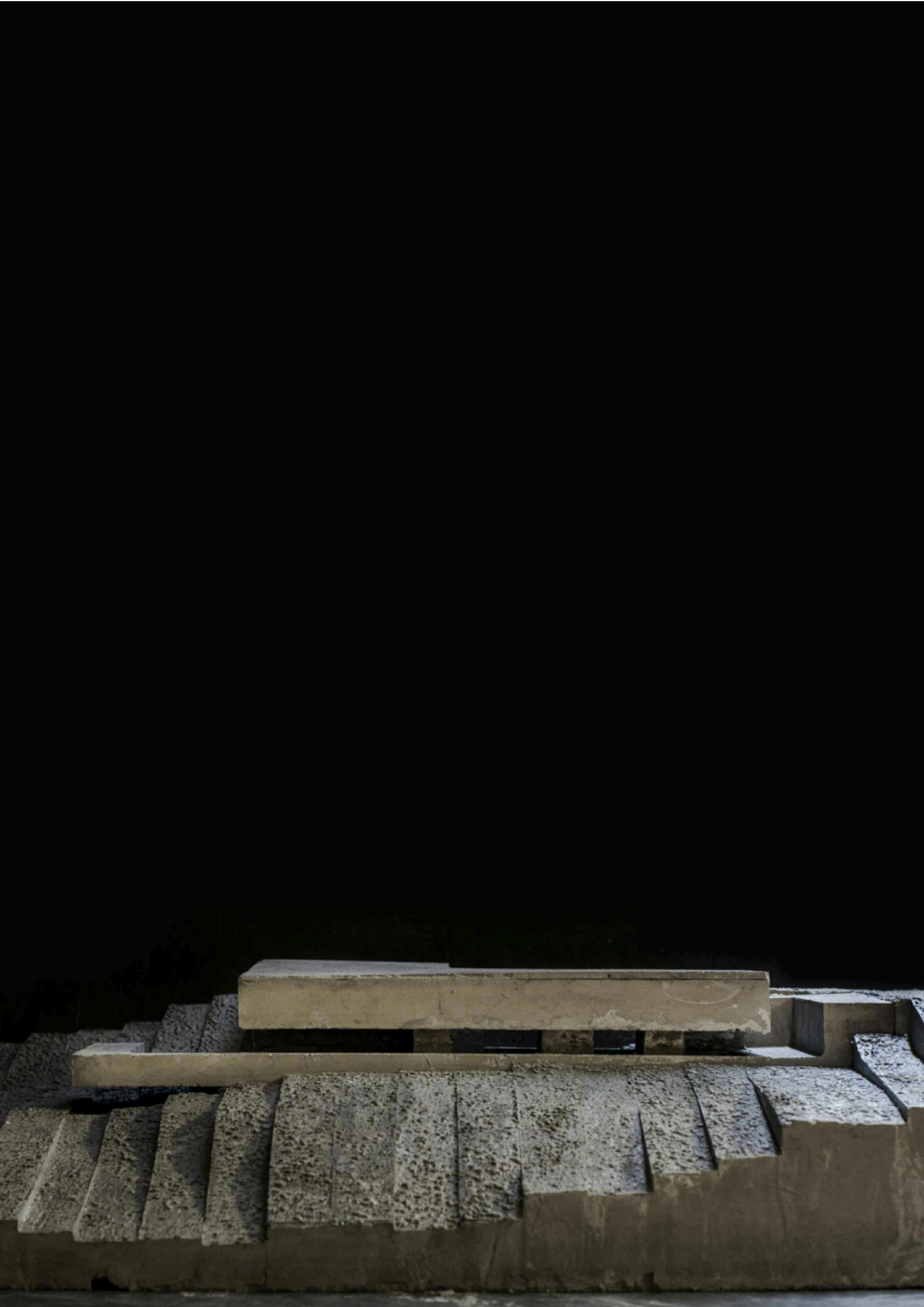


Fig.15 - Planta de Implantação.



LEGENDA 01 Hortas; 02 Galinheiro; 03 Balneário; 04 Piscina; 05 Habitação.



3.2.2 O papel da arquitetura enquanto construção do lugar

Nesta secção, pretende-se mostrar em que medida o arquiteto dá respostas às necessidades do cliente, relativamente à construção do lugar enquanto significação da forma por parte da sua experiência e da sua interpretação do espaço. Assim, é importante relacionar duas dimensões: o homem e o espaço construído. Ao considerar-se o lugar como sendo experiência do pensamento, o arquiteto é a concretização dessa experiência.

Para dar resposta às necessidades humanas, a arquitetura tem de ser capaz de analisar a habitabilidade do espaço e sempre que possível, criar condições ao sujeito para que o lugar se torne num local de conforto habitacional.

Com a sua ação, o arquiteto transforma o lugar num ambiente humanizado que deve responder às necessidades humanas e à evolução das novas formas de habitar. A casa resulta desta ação. O espaço é apropriado, o corpo é inserido e surge a manifestação de território - o lugar do homem - que acolhe a sua “domesticidade”. A casa, enquanto forma, torna-se no ato de habitar aquele lugar. E a arquitetura, enquanto fundadora desse habitat, define o modo funcional e simbólico de habitar.

O projeto de uma habitação implica o confronto entre duas consciências: a do arquiteto e a do cliente/futuro utilizador. A do arquiteto por ser detentor legítimo das soluções habitacionais e a do cliente por definir exigências e por ser o proprietário da obra. No entanto, o cliente só escolhe o arquiteto por aquilo que este deixa revelar das convergências entre ambos. E é nesta relação que reside uma ambiguidade entre estes sujeitos. É uma relação de confiança recíproca, mas ao mesmo tempo de interesses e de exigências.

O papel da arquitetura incide sobre uma tríade, ou seja, na conciliação de vários elementos - na análise e definição do problema; no conceito e no domínio das soluções procuradas. Isso quer dizer que a arquitetura é forçada a confrontar (e agir sobre) o campo habitat, enquanto caminho principal para a compreensão dos novos modos de habitar/habitats.

Sabendo que os modos de vida estão em constante transformação, é necessário flexibilizar a oferta de soluções habitacionais, uma vez que as exigências

funcionais também são outras. A habitação necessita de se adaptar à forma de vida e às respectivas necessidades dos seus utilizadores. Deste modo, é importante trazer de volta o domínio da arquitetura, tomando como premissa o título deste capítulo - *O papel da arquitetura enquanto construção do lugar*.

3.2.3 O cliente

Depois de se perceberem as componentes inerentes à dimensão do homem na relação com o espaço, pode concluir-se que o conceito de lugar do homem é dimensionado através da relação que estas componentes estabelecem.

O lugar é um vínculo do homem. O lugar é o resultado das relações humanas, entre o homem e o seu entorno. No entanto, essas relações são fatores constituintes da personalidade de cada um. Existe um elo afetivo entre o lugar e o sujeito - o *habitante*. E existe um elo afetivo entre o lugar e o arquiteto. Desta maneira, existe um elo óbvio entre o habitante/cliente e o arquiteto.

Uma das características minhas é tentar entender, à minha própria maneira, o cliente. Aqui existe alguma psicologia do cliente, entendendo aquilo que ele quer e tentar responder, ao invés de me limitar a um programa mais ou menos óbvio. (Araújo 2014, Anexo 3)

Se existe um sujeito, seja ele qual for, está-se perante uma determinada identidade que, através da percepção e da interpretação do lugar, se actua sobre ele. Nesta perspetiva, existe um sujeito, uma percepção e uma interpretação. O sujeito como representação da identidade. Uma percepção enquanto fator daquilo que foi identificado. E uma interpretação daquilo que, depois da percepção, se atribuiu ao lugar.

Um ponto interessante desta experiência é a importância do cliente. Trata-se de um cliente informado sobre o mundo da arquitetura, mas que nem sempre tem uma ideia clara daquilo que pretende.

Nascem assim várias discussões entre o arquiteto e o cliente, sobre aquilo que é o “ato de habitar” e aquilo que muitas vezes são as ideias pré-concebidas do

habitar. Deste modo, existem desenhos em fase de avaliação pelo cliente ou discutidos entre ele e o arquiteto.

Aqui, importa salientar com este capítulo, que nesta relação entre o sujeito e o lugar, foi fundamental analisar esta dimensão com o programa funcional proposto - a casa, aliado ao papel da arquiteto.

Depois da intervenção do arquiteto, tal como o arquiteto Carvalho Araújo disse em entrevista

'O meu papel acabou aqui, agora a obra é do cliente...' (Araújo 2014, Anexo 3)

3.3 Gerês - memória descritiva e justificativa

3.3.1 A situação

A ideia de construir um edifício despertou-se de uma conversa entre o arquiteto e o cliente, que são amigos de longa data. A habitação ergue-se na sequência de derrocadas dos muros de vedação e após as inundações do inverno de 2012, afetando um edifício existente. O terreno, até então, continha uma casa de caseiros. A propósito disso, surgiu a hipótese de, já agora, relocalizar a casa e fazer uma casa para o cliente e não para o caseiro.

3.3.2 A obra

O objeto empírico - Casa Gerês - surge neste trabalho como um exemplo real que aplica a parte científica, analisada até então. Assim, através de um projeto real realizado em atelier, ilustra-se concretamente, os princípios teóricos que a arquitetura engloba, discutindo antes as suas variadas componentes.

Até aqui, obteve-se a análise e os conceitos do objeto de estudo e de tudo o que lhe é adjacente. A partir de então, obtêm-se as soluções, por parte do arquiteto

e por mim, nas tarefas práticas, produzidas em ambiente real, em atelier. Para este efeito, privilegia-se uma abordagem de cariz essencialmente prático, suscetível de solucionar problemas através de discussões entre os sujeitos operativos: a equipa colaboradora (na qual eu estou inserida) e o arquiteto.

Todos os instrumentos metodológicos mostram o papel da arquitetura enquanto construção do lugar, neste caso, a Casa Gerês.

A casa Gerês teve como princípio a revalorização do lugar, onde se verifica uma proximidade com os valores naturais circundantes. Nos desenhos finais evidencia-se essa proximidade com a natureza, através da forma consolidada dos estreitos limites entre o interior e o exterior, no intuito de se comunicar naturalmente.

A sua forma bruta, massiva, mas ao mesmo tempo aberta e ‘pousada’, interfere na paisagem por várias razões. Na comunicação com ela de forma espontânea ou mesmo intencional; e na transformação clara do lugar como um propósito evidente de habitar a paisagem, através da arquitetura.

A simplicidade foi outro princípio a ser seguido neste projeto, que se revela na consistência da sua materialidade, na organização espacial e no ambiente proporcionado.

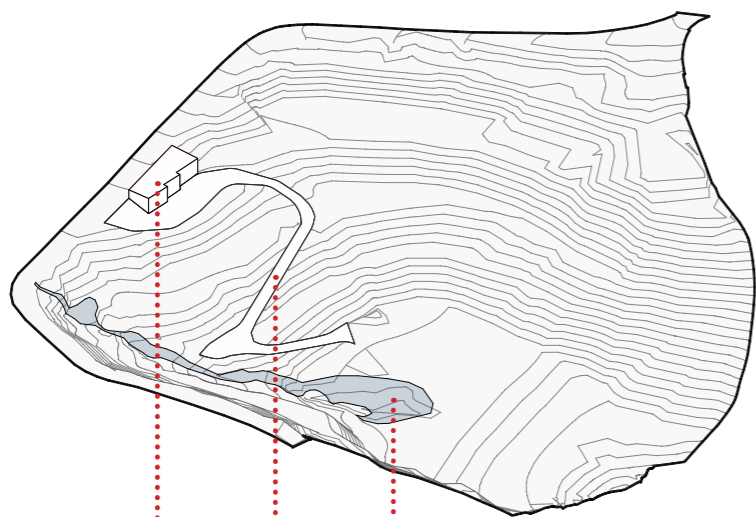
3.3.3 A ideia concetual e o programa

O princípio de composição da casa, (ver Fig.16), parte de um desenho simples de uma plataforma, que num dos seus extremos se encontra balanceada sobre uma linha de água ‘cascata’. No outro extremo, houve a necessidade de culminar a plataforma em forma de ‘L’, rematando com um volume e desta forma, criar-se um muro de contenção dissimulando a casa na paisagem. E é nesta plataforma que nasce a casa.

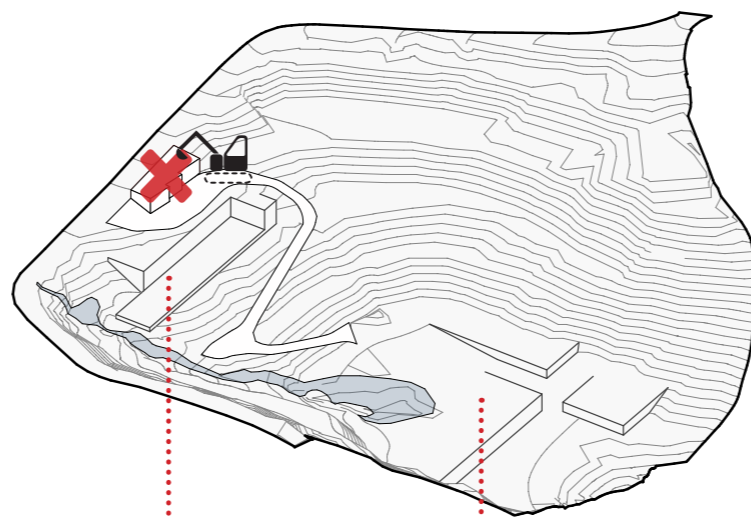
A casa contém uma estrutura, que suporta a plataforma de chegada. Chega-se assim a uma solução simples, estruturada a partir de um vazio no terreno e de um muro de contenção de terras.

Fig.16 - Esquema concetual.

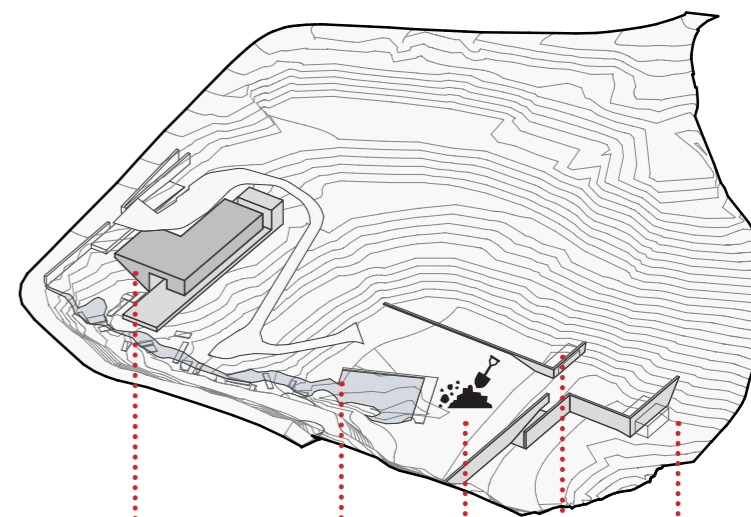
1. Demolição da habitação existente
2. Definição de uma nova implantação



Habitação existente
Percurso existente
Linha de água



Integração no terreno
Avanço sob a linha de água
Criação de plataformas



Habitação relacionada com a envolvente
Aproveitamento do lago piscina
Horta
Balneários
Galinheiro



Fig.17 - Lugar de intervenção. O existente.

No entanto, não se trata apenas de um edifício, mas de um pedaço de paisagem, com um sistema de plataformas e volumes, relacionados com o terreno.

O edifício é suficientemente exuberante na sua forma. Exuberância que se justifica no ato de se habitar, no modo de habitar a paisagem, aquela paisagem. Neste seguimento, a casa é composta por dois pisos, em que o piso superior serve de galeria, virado para o interior da casa, inserido na estrutura da cobertura.

Em termos programáticos, importa referir que a casa é uma casa secundária, é uma casa de excelência para o cliente. E por isso, *'é uma casa para um casal, com dois filhos... mais os amigos todos!'* (Araújo 2014, Anexo 3)

3.3.4 A entrada

A entrada é marcada pelos muros de sustentação do talude a Sul. De certa forma, ficou condicionada pela entrada já existente, mas ao mesmo tempo, respeitou-se a primeira imagem que se tem daquele lugar, quando chegámos.

É criado um patamar de 'recepção' e de manobra após a entrada, descendo para uma rampa, já existente, para a cota mais baixa do terreno e de acesso ao alçado frontal da habitação.

Trata-se de pensar este espaço, com a preocupação de se manter as vistas privilegiadas sobre a paisagem, mesmo depois da colocação da casa, (ver Fig.17). O que se vê é apenas uma grande plataforma, que corresponde à cobertura da casa, projetada para a paisagem, para *'um anfiteatro natural, que é reforçado pela vegetação já existente e que foi um dos aspetos que retirámos partido'*. (Araújo 2014, Anexo 3)

A entrada para a casa propriamente dita, é feita por umas escadas que antecipam essa plataforma e que nos levam ao piso soleira da habitação - uma outra plataforma.

3.3.5 *A piscina*

A piscina desenvolve-se com a combinação de uma linha de água existente, sem ofuscá-la, (ver Fig.18). A piscina cruza-se com o lago e mistura-se com ele, ficando dissimulada na paisagem.

Entra-se por uma rampa de granito que desenha o percurso desde a entrada do terreno. Virando-se para a casa, o ambiente verdejante torna-se novamente a visão dominante e a piscina aparece entre os muros de betão e o jardim que preenche toda a área. É construída por baixas paredes de betão e pelas rochas naturais do lago que estão espalhadas nos seus limites. O nível da água da piscina parece ser sempre o mesmo que a do lago, dando a ilusão que é apenas um espaço e confundindo a compreensão real do limite da piscina. Assim, o arquiteto demonstra uma preocupação de conectar a sua intervenção com o natural, já existente.

3.3.6 *Os materiais*

Relativamente aos materiais, são simples e poucos. Optou-se por uma estrutura de cobertura metálica, que é revestida por *deck* de madeira e que desenha assim o volume superior.

O muro de contenção e a plataforma, em betão. A plataforma e a cobertura (volume de madeira) são unidos por um pano de vidro, bastante recuadas do plano frontal da casa. O que importa referir é que a ideia que se tem, é a de um grande volume a levitar sobre uma grosseira plataforma.

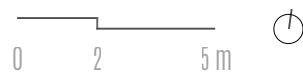
Os arranjos exteriores são resolvidos com pedra de granito, material existente no local.



Fig.18 - Piscina. Evolução.

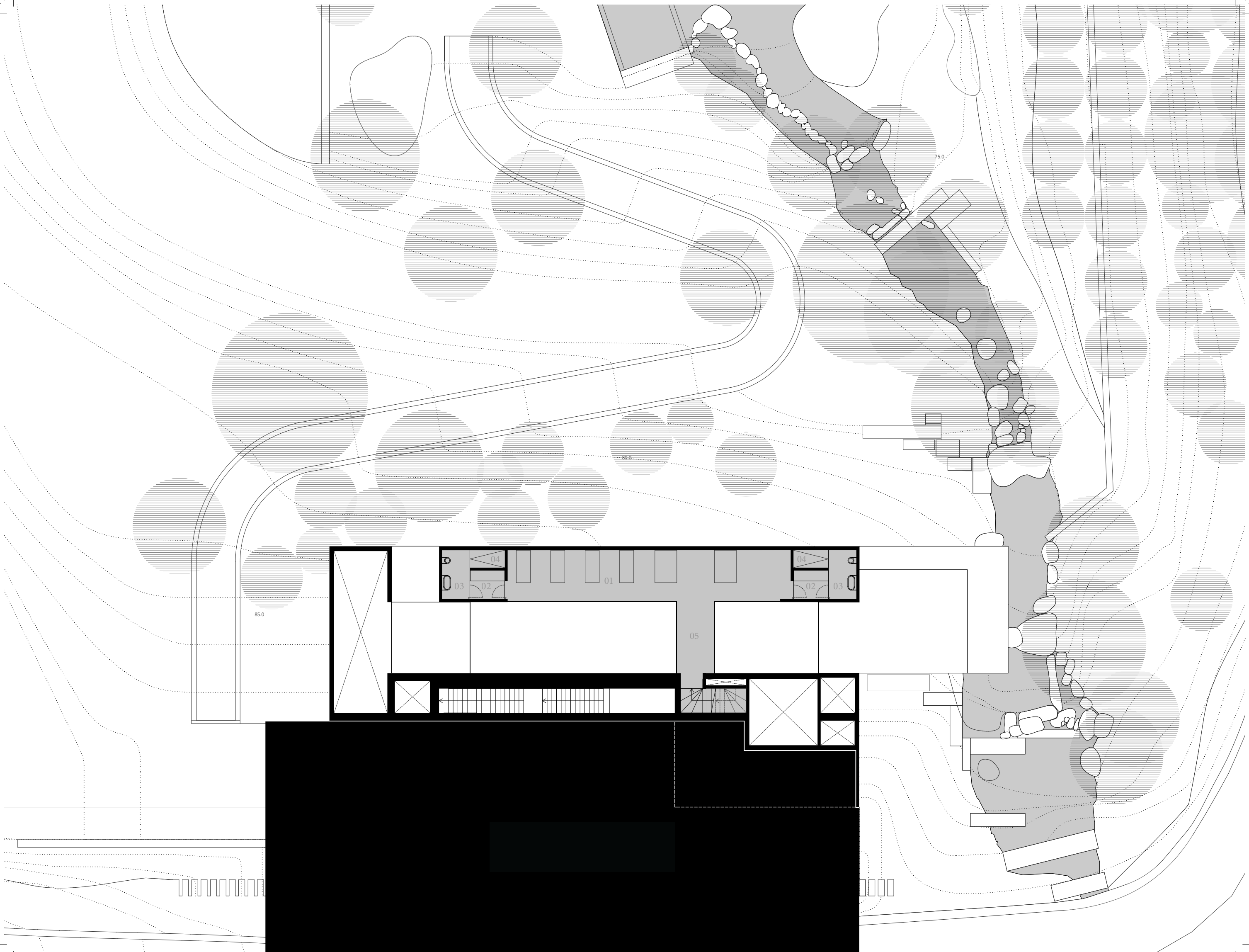
Fig.19 - Planta do Piso 1.

Fig.20 - Planta do Piso 0.



LEGENDA Piso 0 01 Galeria; 02 *Clôset*; 03 Casa de banho; 04 Duche; 05 Passadiço.

Piso 1 01 Entrada; 02 Varanda; 03 Sauna; 04 Lavandaria; 05 Cozinha; 06 Sala de estar; 07 Casa de banho pública; 08 Duche; 09 *Clôset*; 10 Suíte principal.



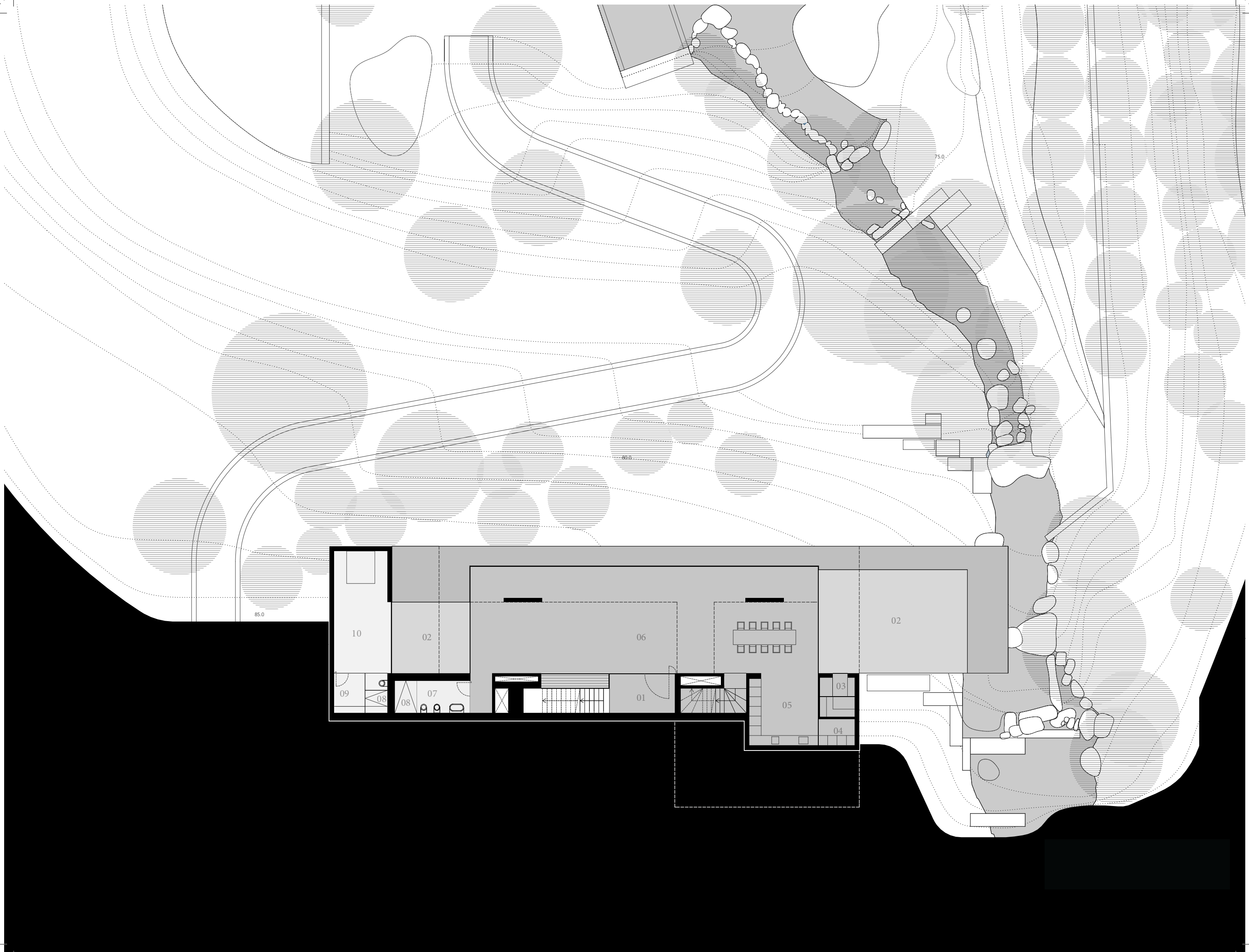
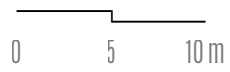


Fig.21 - Corte transversal da habitação. Relação com o terreno.



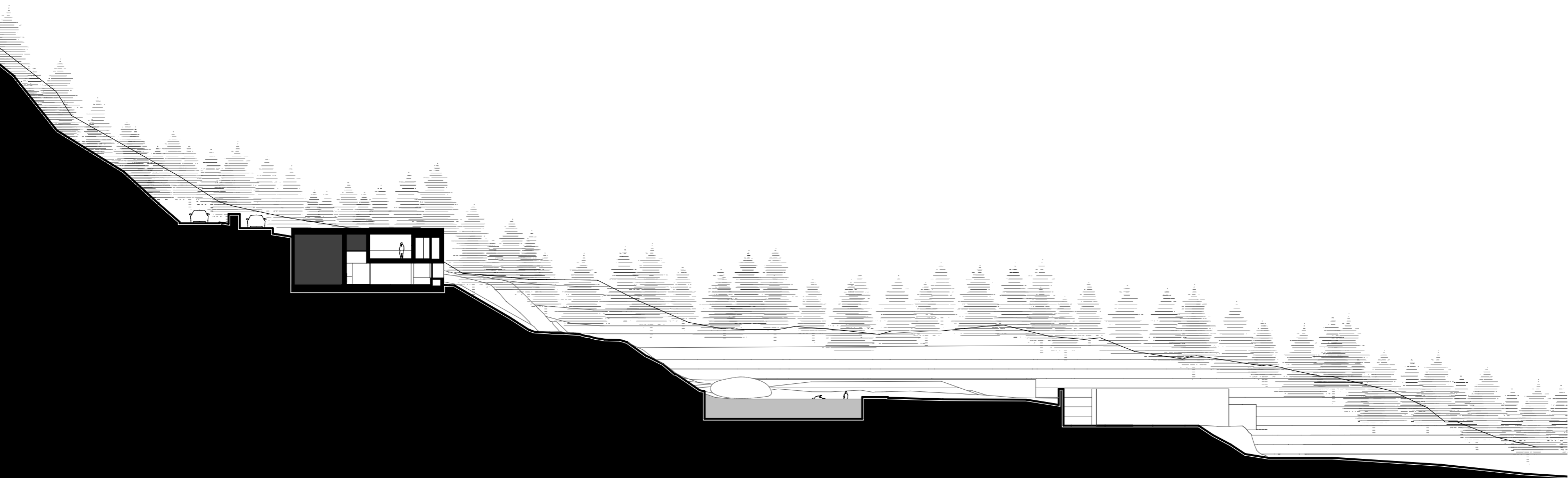
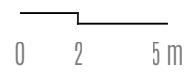


Fig.22 - Alçado principal da habitação.



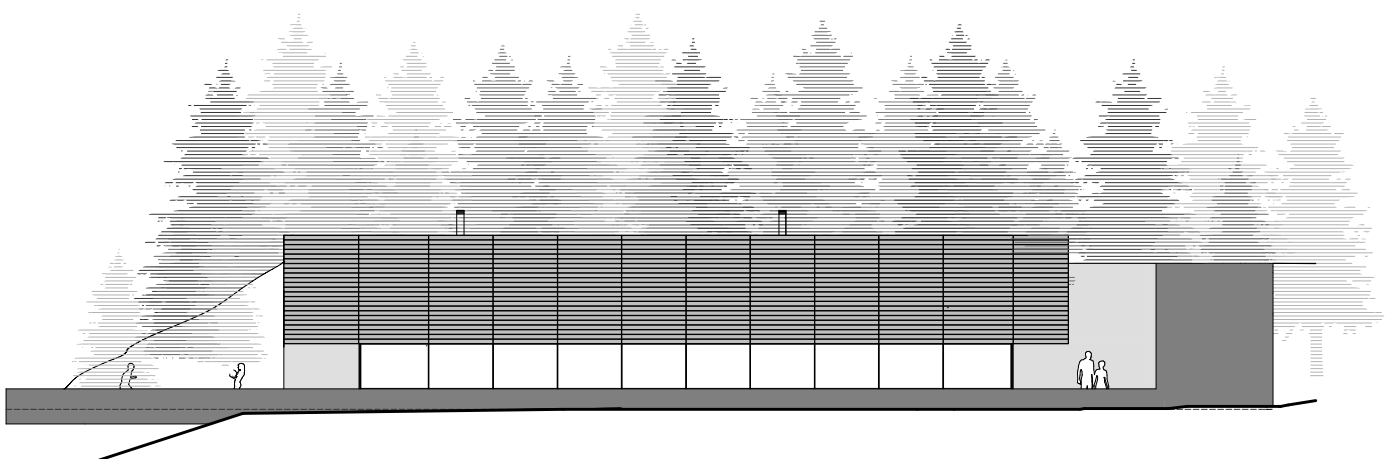
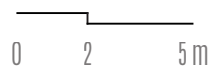


Fig.23 - Corte longitudinal da habitação.



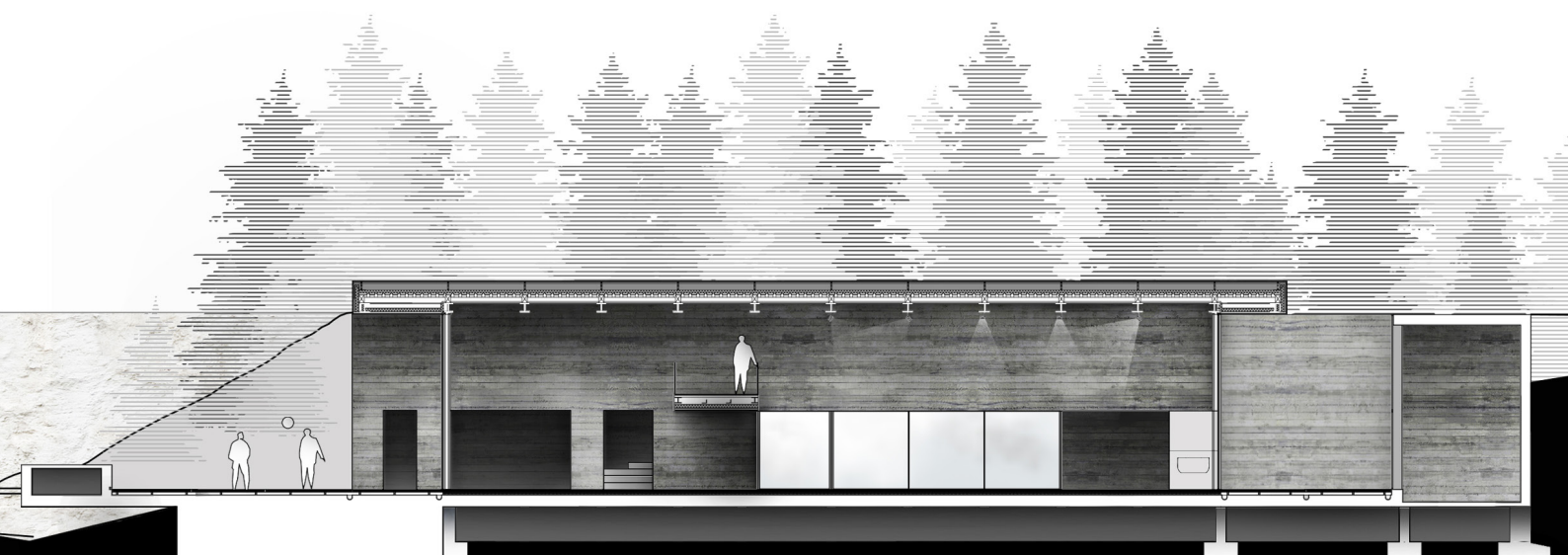


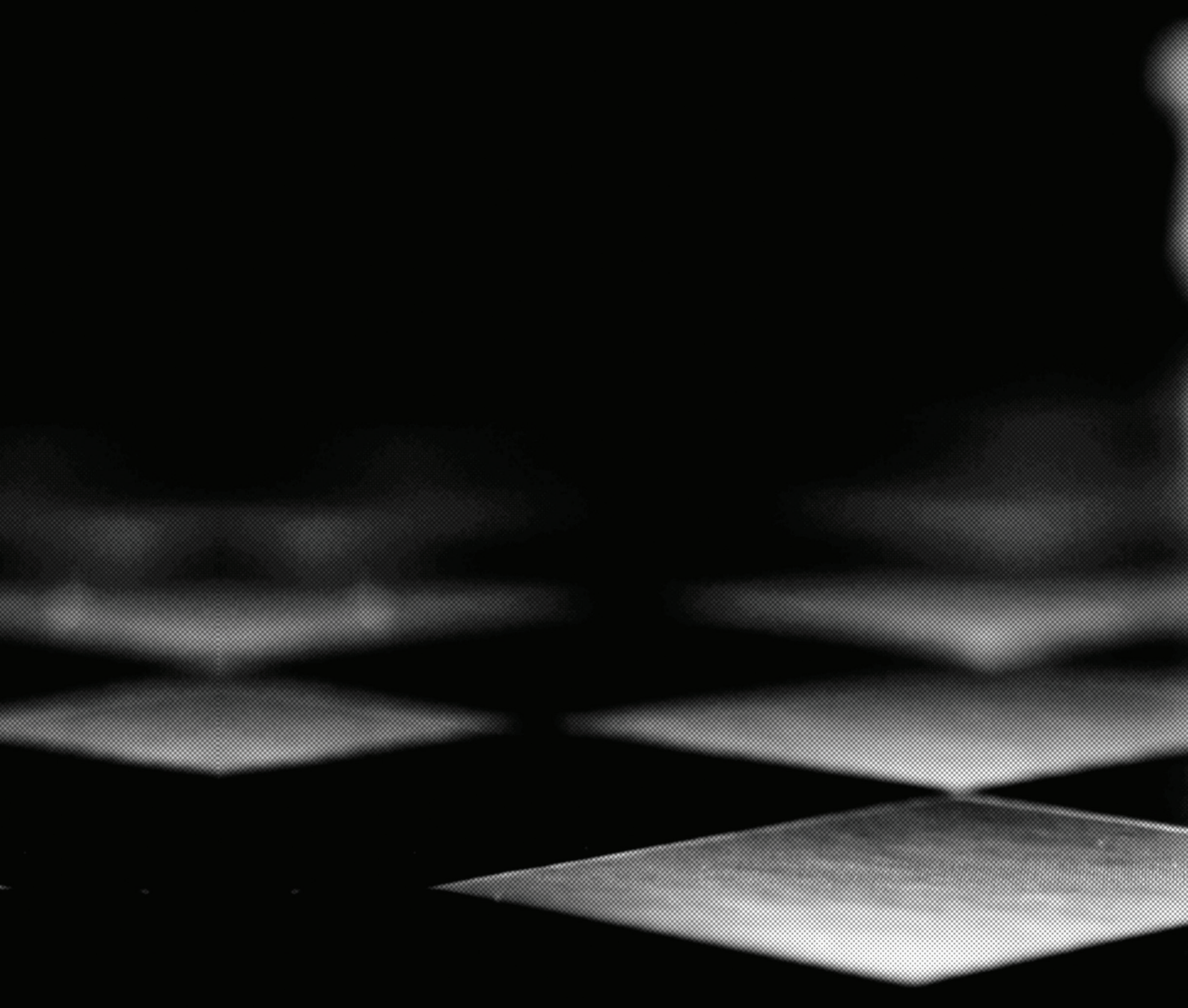
Fig.24 - Fotomontagem. Relação com a linha de água.



Fig.25 - Fotomontagem da habitação. Relação com a envolvente.



4 ESTÁGIO





4.1 Caracterização do estágio

A 3 de Março deu-se início ao trabalho em atelier. Embora se tenha previsto o prolongamento do estágio, este decorreu até Junho de 2014, da qual resultou 4 meses e ao que correspondeu um total de aproximadamente 42 dias (3 dias semanais x 9 horas).

A estratégia associada à elaboração do relatório foi condicionada pela questão de investigação - *habitar a paisagem*. A acrescentar a isso, ela foi também limitativa pelo facto do relatório estar integrado no âmbito da prova final do mestrado integrado em arquitetura, integrando uma componente científica. No entanto, o estágio desenvolvido na empresa foi desde o início encarado como uma forma de consolidar conhecimentos e competências que foram reconhecidas ao longo do curso, mas também como uma oportunidade de desenvolver e acompanhar um projeto real. Digamos que, isto traduz-se numa experiência pré-profissional.

Sendo importante a iniciação ao mundo do trabalho como uma etapa fundamental para a carreira profissional, torna-se essencial referir as várias áreas de trabalho do atelier, como a arquitetura, o *design* e o urbanismo que, tendo pontos comuns, valorizaram a minha experiência de estágio e permitiram uma extensão da minha formação académica. Neste contexto, a possibilidade de desenvolvimento de um estágio curricular foi encarada como uma experiência única e rara (em contexto de prova final de mestrado) de aprendizagem e contacto com o mundo profissional.

Em termos de experiência, posso dizer que a instituição possui um vasto *know-how* relativamente a várias áreas do desenvolvimento do projeto, isto é, permite um conhecimento processual bastante forte de cada trabalho desenvolvido. Isto justifica-se pela maneira versátil de abordar cada projeto, desenvolvendo cada projeto de forma única e não referi-lo como ‘mais um projeto’.

O estágio foi desenvolvido num ambiente cativador, quase familiar, visto que todos os membros da equipa estiveram sempre disponíveis para participar e colaborar nas diferentes tarefas que me foram propostas, fazendo regularmente críticas construtivas e, se necessário, sugerindo novas soluções, de acordo com a linha de pensamento do atelier.

Em termos de organização, o atelier apresenta uma estrutura organizacional, isto é, cada colaborador é responsável por determinadas tarefas, tirando partido das diferentes potencialidades de cada um. Desta forma, o atelier é estruturado de forma a que cada conjunto das funções e das relações possam determinar formalmente as missões que cada colaborador deve executar e os modos de colaboração entre os vários membros da equipa.

Por outro lado, cada elemento tem um grau de liberdade, que resulta num claro benefício, tanto do projeto que executa, como para o ambiente do atelier, não só pela variedade de soluções que daí advêm, mas também pela motivação que pode trazer.

Assim, a estrutura é simples, onde existe a coordenação global que é feita pelo arquiteto Carvalho Araújo. É ele o empresário/gestor que dirige inteiramente o atelier. É ele quem define os timings de cada projeto e é nele que se concentram todas as decisões. No entanto, o arquiteto Joel Moniz é o responsável pela coordenação de toda a equipa e pela distribuição das tarefas recebidas pelo arquiteto Carvalho Araújo. Isto possui grandes possibilidades de flexibilidade e permite uma rápida resposta a novos problemas de projetos.

Foi o arquiteto Joel Moniz que em todo o percurso de estágio me acompanhou. A primeira conversa com ele teve como objetivo definir o tema do estágio. E foi assim que surgiu a ideia e o interesse de desenvolver o projeto recente do atelier - a casa Gerês. Sendo assim, esta hipótese foi vista como uma oportunidade motivadora e interessante, tanto para mim como para o atelier.

Definido o tema, foi necessário especificar os principais objetivos a atingir.

Desta forma, os pressupostos deste projeto foram os seguintes:

- Desenhar uma solução para a *suíte* principal da habitação, com uma linguagem semelhante à casa, capaz de se diferenciar das *suítes* projetadas atualmente;
- O programa para a *suíte*, pedido pelo cliente;
- Como objetivo secundário, foi proposto que fosse desenhado o corrimão do piso 1, junto à entrada da casa.

4.2 Atividades desenvolvidas

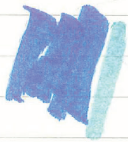
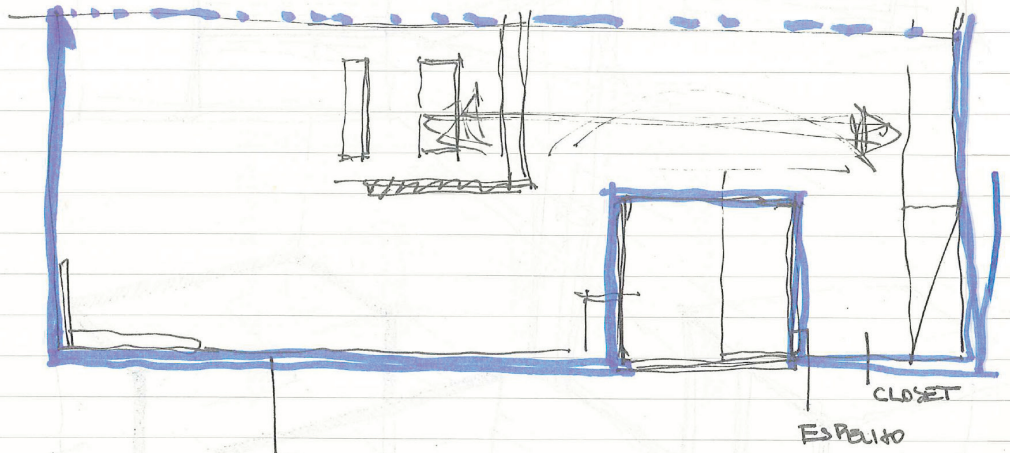
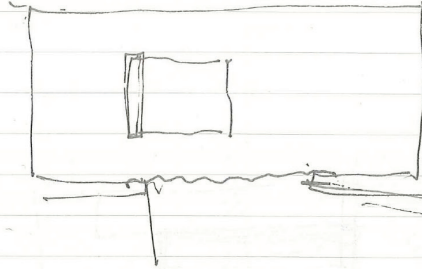
Na prossecução dos objetivos essenciais do plano de estágio, apresentam-se, neste capítulo, as atividades desenvolvidas.

Foram definidos diversos momentos de atuação: num primeiro momento, numa fase exploratória, promoveram-se o reconhecimento e adaptação à estrutura do atelier para melhor compreender as realidades físicas, humanas e operativas da empresa; num segundo momento, houve a necessidade de se criar contacto com o sistema de organização da empresa, de modo a conhecer o funcionamento e a gestão dos recursos; de seguida, estabeleceram-se relações mais estreitas; num último momento estabeleceram-se procedimentos de operação com a equipa colaboradora. Este último, permitiu garantir uma formação com novos contactos e diferentes abordagens aos projetos, assim como constituiu uma importante ferramenta de integração no atelier.

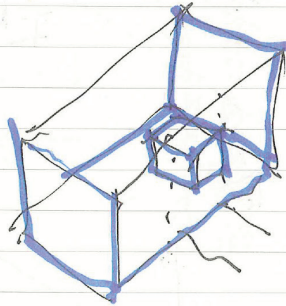
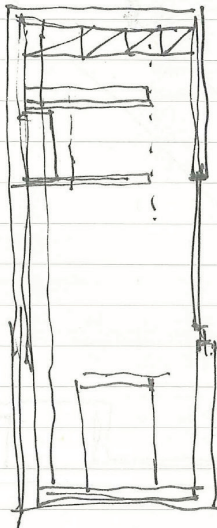
No conjunto, os trabalhos desenvolvidos permitiram a participação em tarefas distintas, no mesmo projeto, associando diferentes escalas, níveis de pormenorização, programas, entre outros. Do mesmo modo, para cada tarefa, foi requerido um determinado tipo de trabalho.

A pesquisa e a investigação foram uma constante do estágio. Inicialmente, foi recolhida informação relativa à área de intervenção e sua envolvente, cedida pelo atelier e por pesquisas próprias. À medida que foram realizadas estas pesquisas, foi-se desenvolvendo a revisão bibliográfica, através de várias visitas a bibliotecas e/ou a outras fontes.

No atelier, tanto se elaboram maquetes a várias escalas, como se desenvolvem desenhos e se testam diferentes propostas, como se discutem as várias opiniões. Este método de trabalho permite uma forte multiplicidade de experiências, não havendo, à partida, um tipo de trabalho constante e monótono. Embora me estivesse incumbida apenas a análise da casa Gerês, sempre que me foi solicitado, pude desenvolver algumas tarefas que me foram dadas pelos diferentes colaboradores, permitindo assim, conhecer e, de alguma forma, enquadrar-me nos projetos em curso do atelier. Exemplos disso são o exercício da Casa FDF, (ver Fig.27), onde participei na organização dos espaços privados e na elaboração de diversas maquetes de outros projetos.

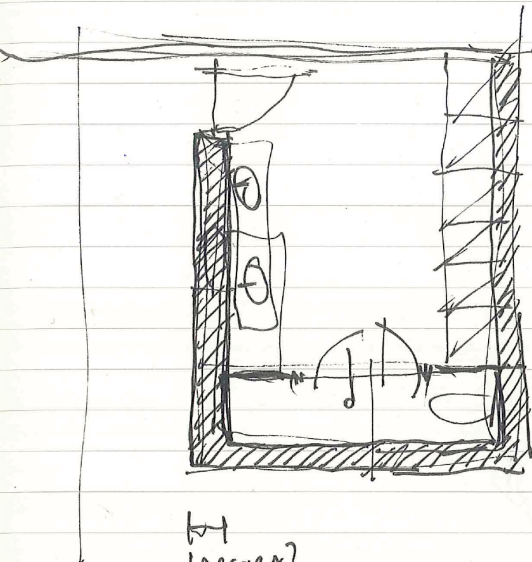


PELE
"estivo caixa"

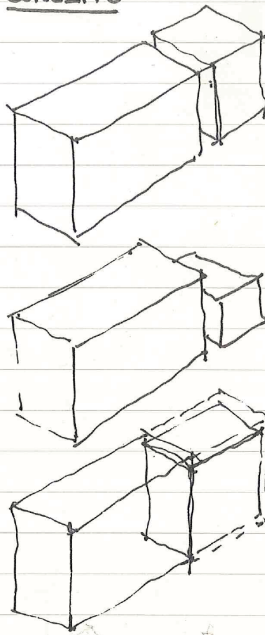


importante: ver testa da nite
existem actualizações ??

CONCEITO

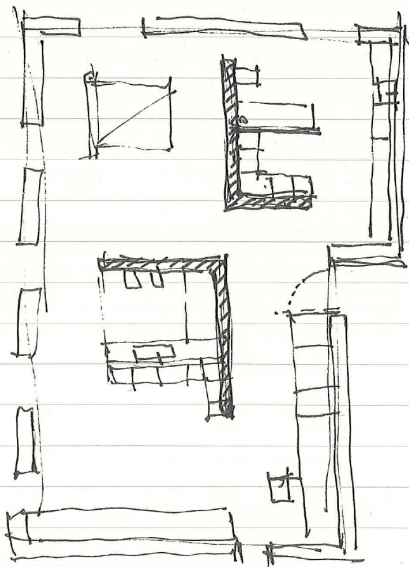


↳ cozinha?
↳ parede depois ao lavatório

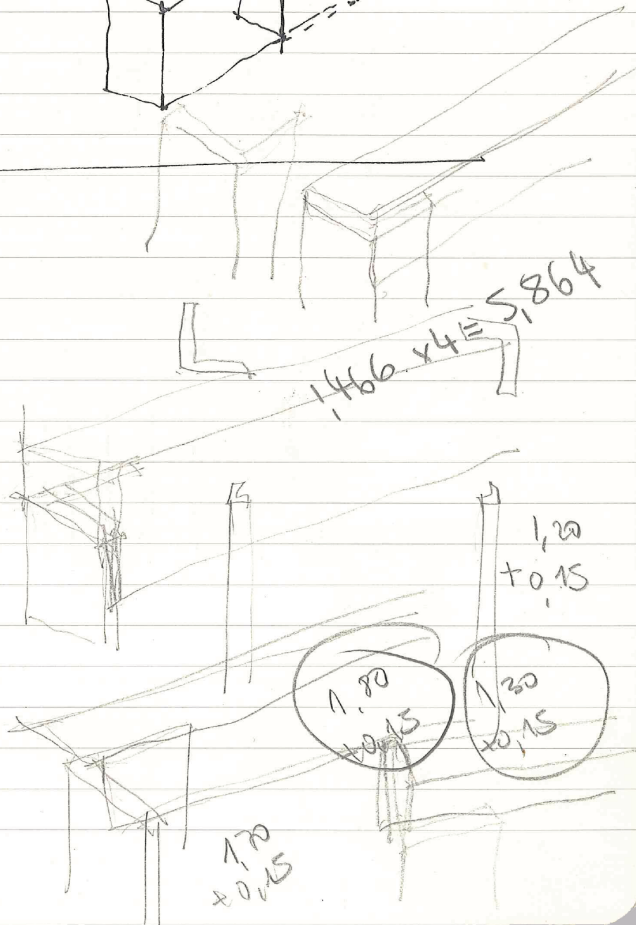


6

CASA POP



1466



$1466 \times 4 = 5864$

1,20
+ 0,15

1,80
+ 0,15

1,30
+ 0,15

1,70
+ 0,15

Fig.27 - Esquissos de organização interior de espaço privado.

4.3 O projeto Gerês

Para chegar a uma síntese do projeto, foi importante perceber, primeiramente, os princípios do projeto (ver fig. 28), a interpretação que se fez do lugar, a análise dos elementos e a compreensão do programa pedido pelo cliente.

Para mim, o mais difícil foi reconhecer a fase do projeto quando entrei no atelier, uma vez que sabia (desde sempre) que o projeto era uma contradição entre a simplicidade e a complexidade. Simplicidade, no modo de ser (aparentemente) da casa, complexidade na sua formação. Foi importante retirar o essencial de todo o processo e, mais importante ainda, balizar o campo de trabalho, com o intuito de chegar a um processo final, mesmo não sendo o final definitivo (porque o estágio acabou antes da obra ser terminada), infelizmente. Esta foi, em simultâneo, uma fase de adaptação ao atelier e ao método da equipa, pois como a expressão diz ‘o mais difícil é começar’.



Fig.28 - Esquema do objeto de estudo. Relação entre o tema de investigação, a empresa e o projeto.



Fig.29 - O primeiro olhar sobre o lugar.





Fig.30 - Habitação em construção. *Suíte.*

4.4 *A suíte principal da habitação*

A *suíte*, apesar de ser um espaço de remate da habitação, é um espaço onde, desde sempre, se procurou oferecer alguma surpresa, outras sensações.

Inicialmente, este espaço não estava definido para uma *suíte*, mas sim para uma plataforma elevatória, em que o cliente, apaixonado por objetos de arte poderia fazer do espaço de estar um espaço expositivo, trazendo os seus objetos por esta plataforma. Concluiu-se que esta era uma solução surreal.

Posteriormente, depois do arquiteto consciencializar o cliente, procurou-se desenhar uma *suíte* principal, uma vez que a casa não tinha nada definido como tal. É um espaço com uma dimensão interessante, (ver Fig.31).

A pedido do cliente, esta *suíte* teria de ser desenvolvida em dois níveis, com uma *mezzanine* para ter outras funções no piso superior. Fizeram-se vários estudos, várias entregas de acordo com aquilo que o cliente pretendia: um espaço de dormir, um espaço para estar (com lareira), um espaço para vestir, com instalações sanitárias e uma biblioteca. Interrogou-se este pedido.

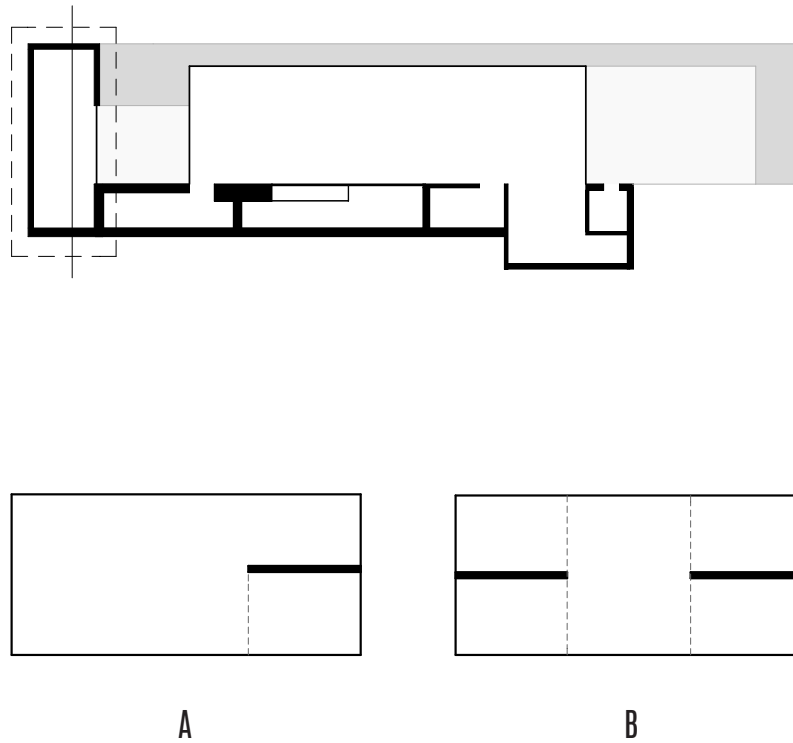
- Será que o espaço aguenta com este programa?
- E o cliente usará a biblioteca, tal como ele a idealiza?

A verdade é que, depois de várias reuniões com o Sr. José, concluiu-se que o melhor seria não comprometer o espaço, na fase inicial.

Não se faz mezzanine nenhuma, vamos tirar o máximo partido deste espaço, desta volumetria toda, de forma a não comprometermos já o espaço. Porque a mezzanine é qualquer coisa que se pode um dia fazer, caso haja necessidade. (Araújo 2014, Anexo 3).

Foi a melhor opção. E o que comprova isso são as imagens reais do pequeno, mas nobre espaço. Espaço este que pretende trazer para dentro de si um novo universo, criando novas sensações.

Salienta-se aqui, a escala do lugar relativamente à dimensão do homem.



Propõe-se a zona de dormir junto à zona da lareira, com o objetivo da *suite* ser apenas um espaço, com o mesmo ambiente. Um ambiente quente.

Na zona mais alta constrói-se a biblioteca, num espaço mais sossegado, recatado mas ao mesmo tempo apropria-se do ambiente inferior.

Esta proposta aparenta um registo mais favorável, no sentido de facilitar a construção das infra-estruturas.

Nesta proposta, o objetivo é preservar e/ou relacionar este espaço nobre com o ambiente do resto da casa. Assim, transpõe-se essa continuidade para o piso inferior, onde se desenvolve toda a parte de estar, a zona da biblioteca, etc.

Surgem duas plataformas a um nível superior que se unem através de um estreito passadiço, que abraça a parte mais íntima deste espaço, o quarto com a zona de vestir.

Separa-se este espaço envolvido por um ambiente mais familiar

Fig.31 - Esquema de desenvolvimento em planta com as linhas orientadoras da proposta A e B da *suite*.

Proposta A

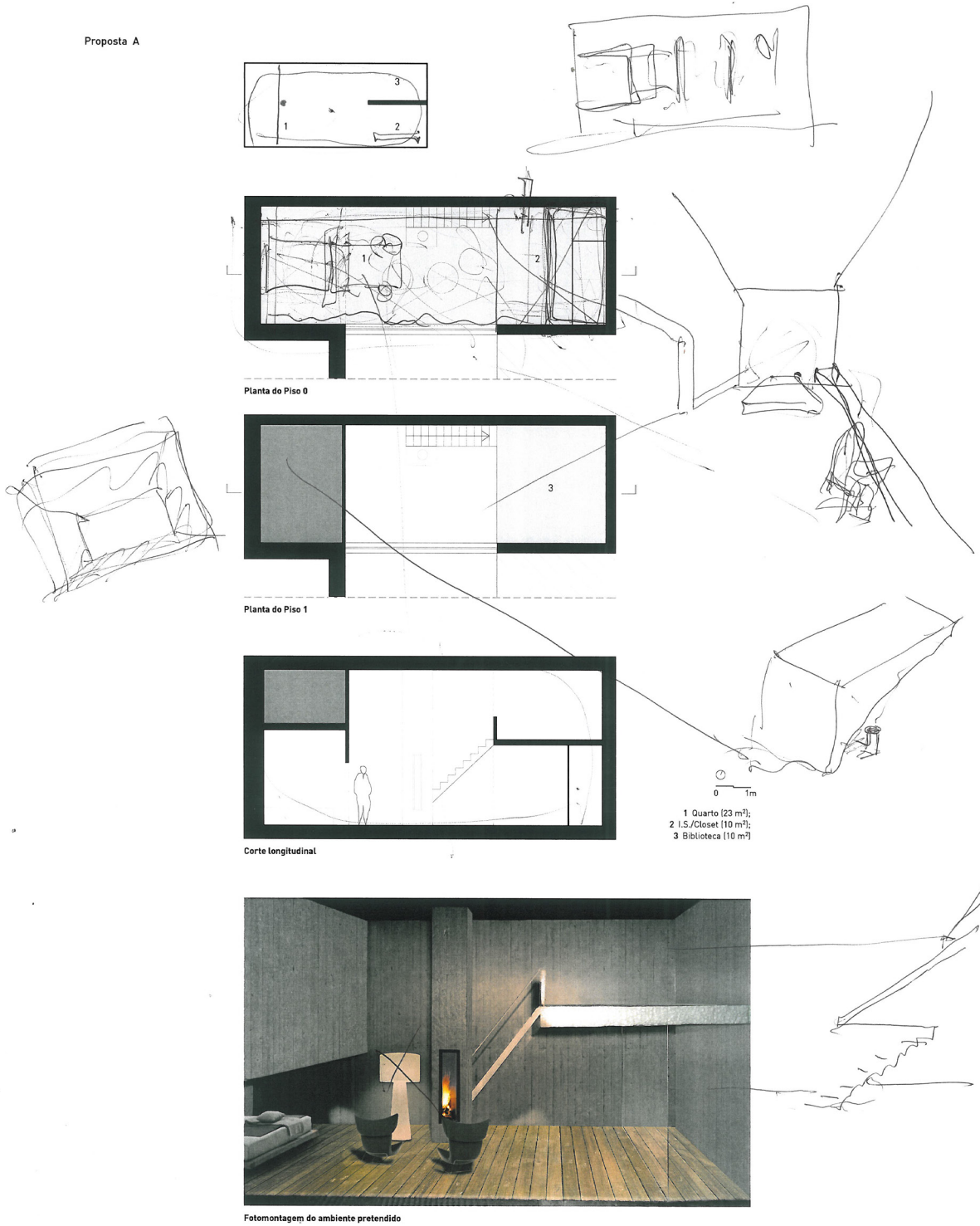
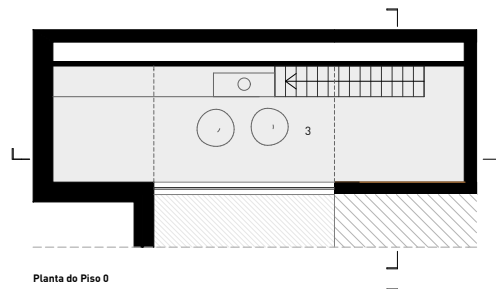


Fig.32 - Proposta A da *suíte*.

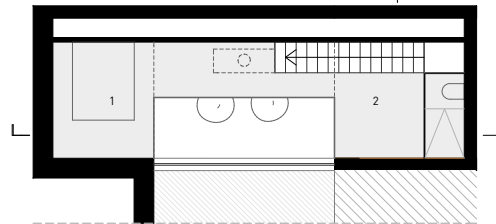
CASA GERÊS | A2013-03

CARVALHO ARAÚJO
ARQUITECTURA E DESIGN

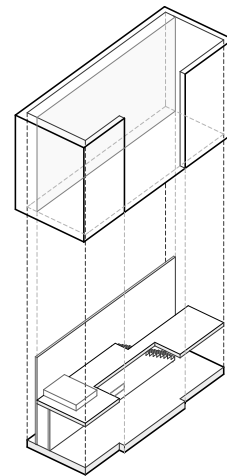
Proposta B



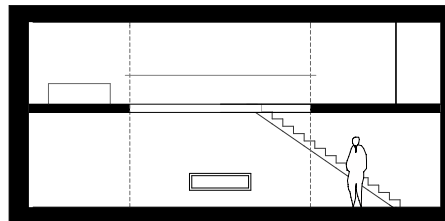
Planta do Piso 0



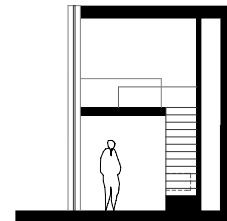
Planta do Piso 1



Axonometria



Corte longitudinal



Corte transversal

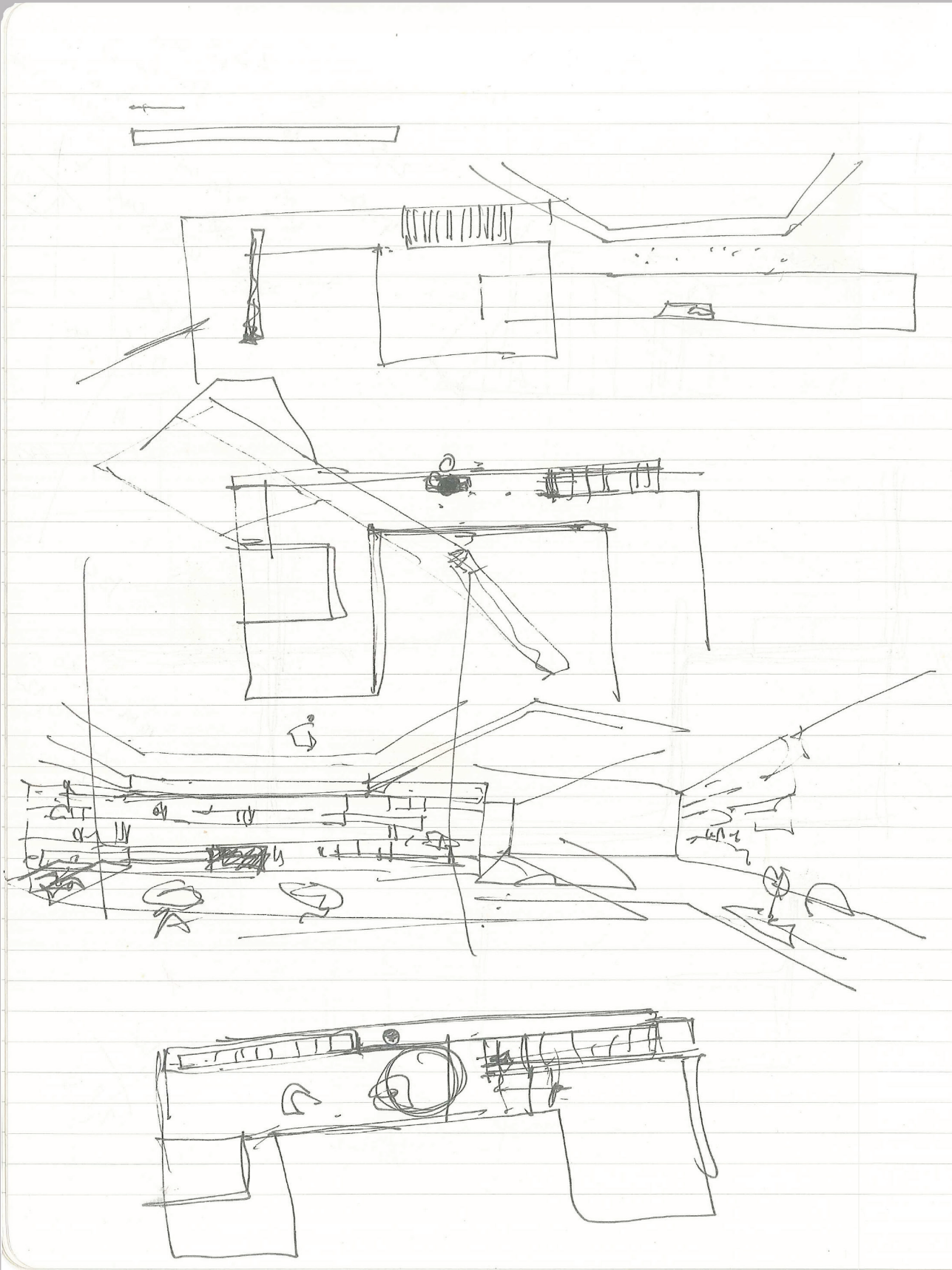


Fotomontagem do ambiente pretendido



- 1 Quarto (7 m²);
- 2 I.S./Closet (4 m²);
- 3 Biblioteca + zona de estar (28 m²)

Fig.33 - Proposta B da *súite*.



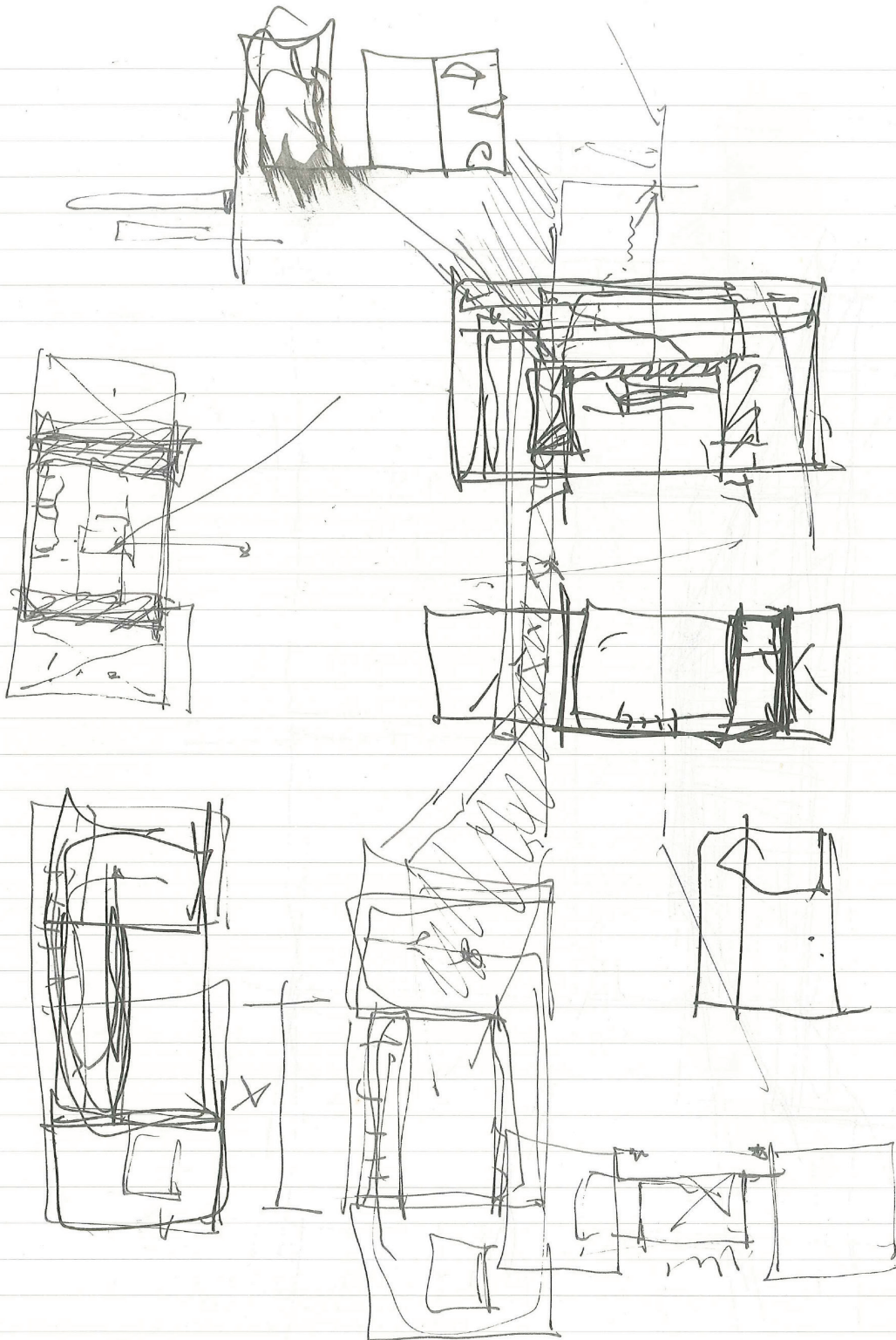
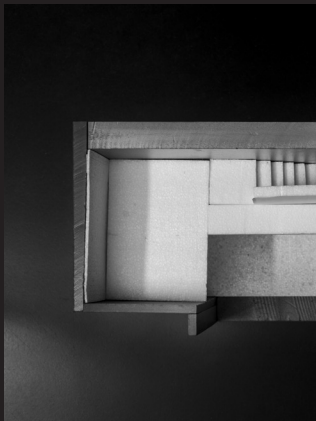
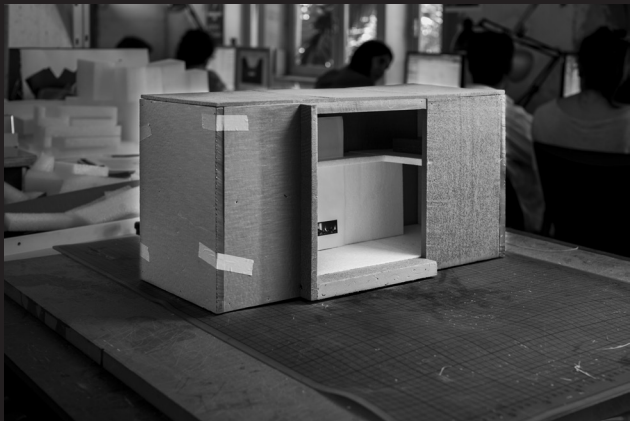
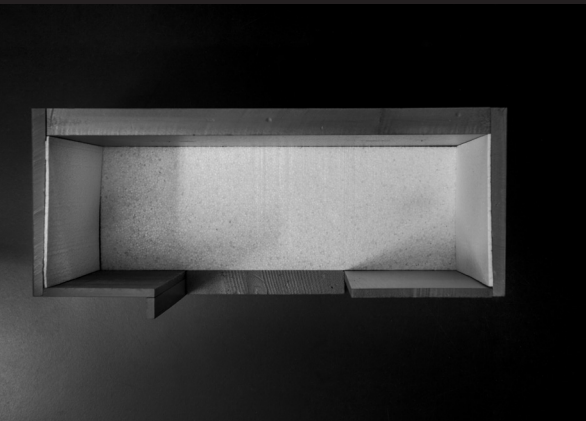


Fig.34 - Esquissos do ambiente da *suíte*.



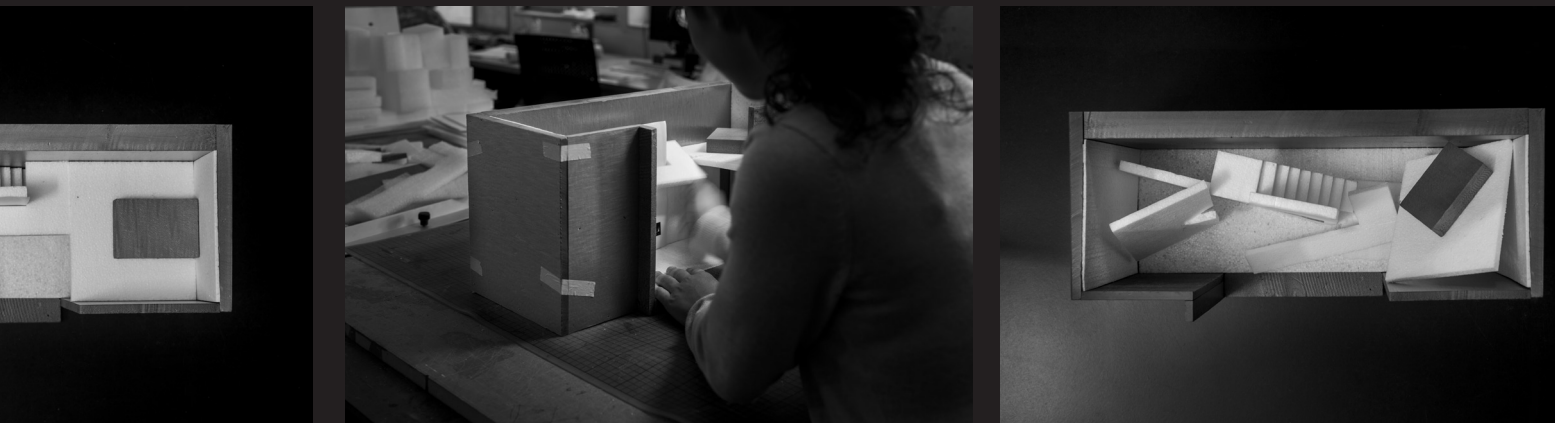


Fig.35 - Maquetes das várias propostas. Processo de desenvolvimento da maquete de estudo à escala 1:50.



**...as respostas aos edifícios não se
ficam pelas soluções imediatas.**

Carvalho Araújo

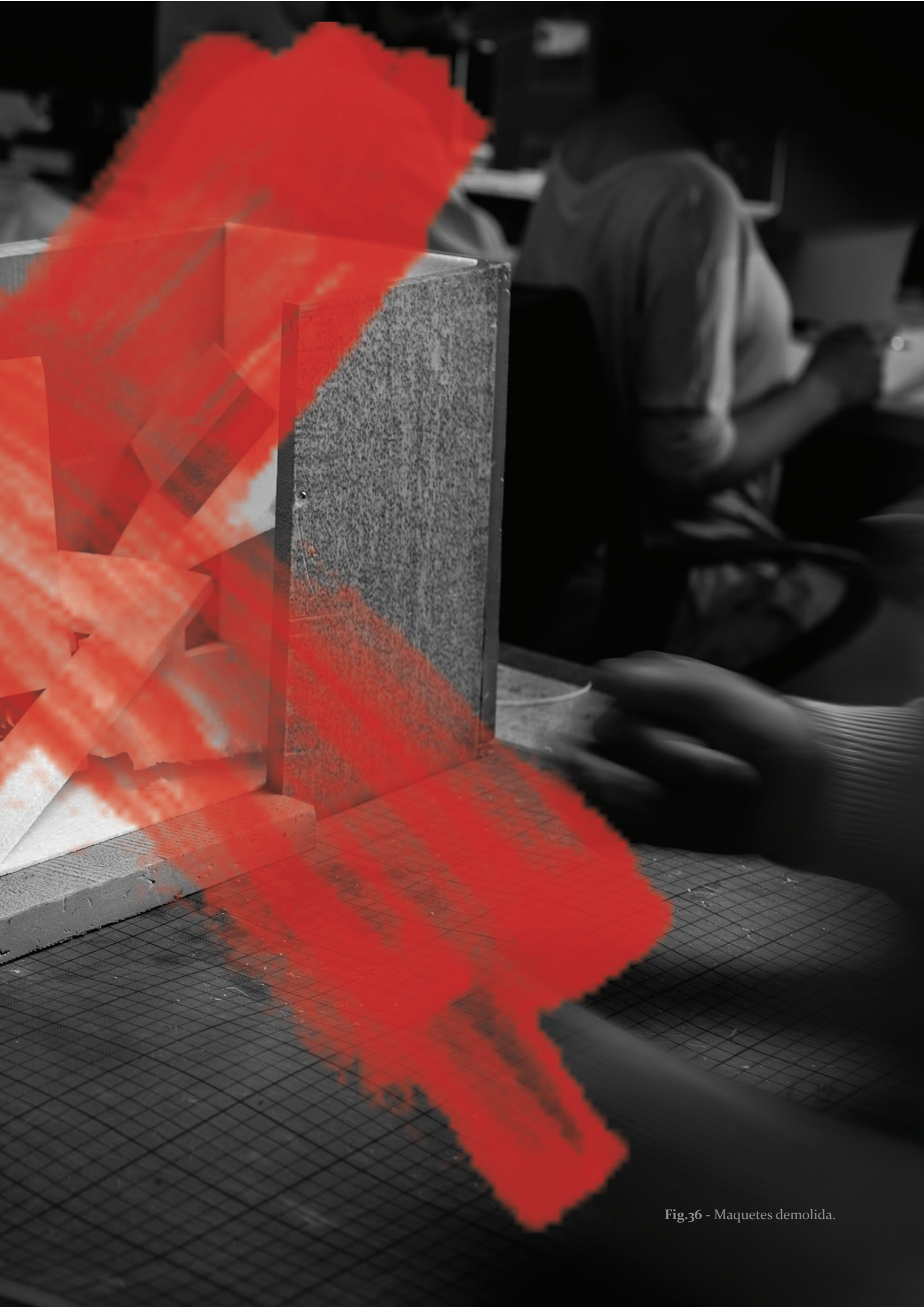


Fig.36 - Maquetes demolida.

Avaliada a ideia do arquiteto Carvalho Araújo e aceite pelo cliente, houve a necessidade de repensar o espaço. Nesta fase, foi essencial recorrer a maquetes, fotomontagens, e esquemas que definissem claramente as diferentes estratégias de intervenção.

Em resposta às decisões tomadas, foi possível proceder ao desenvolvimento de uma *suíte* simples, relativamente ao que foi pedido inicialmente pelo cliente. Nesta versão final, o programa não é tão limitativo e o resultado final é, aparentemente, mais elegante. Trata-se de um único espaço para dormir, com uma casa de banho privada. Todo este espaço é definido por um pé-direito bastante alto, o que provoca uma sensação diferente, em oposição às dimensões do próprio espaço, (ver Fig.38).

Os momentos de maior dificuldade nos projetos, revelaram-se na execução de tarefas mais direcionadas para a modelação 3D, em que os ficheiros recebidos pelo atelier não eram compatíveis com o meu *software* instalado no computador. Desta forma, ao longo do estágio, surgiram situações que criaram novos desafios, tanto ao nível da capacidade de resolução de problemas e procura de alternativas viáveis, como ao nível da modelação 3D, que por vezes, traduziram-se em grandes desafios. Estes desafios também permitiram o aperfeiçoamento das aptidões para a modelação 3D, cumprindo as metas estabelecidas.

Ao longo do estágio, foi necessário desenvolver um poder de síntese de trabalho, isto é, no método de abordar cada projeto. Inicialmente, tentei dar sempre uma resposta 'rápida' ao programa base, definida como estratégia concetual, não desperdiçando tempo com demasiada pormenorização, antes da aprovação do arquiteto Carvalho Araújo e do cliente.

Verificou-se que, em ambiente profissional, a metodologia de trabalho é diferente da metodologia seguida em ambiente académico, em que neste caso, o processo está estruturado de um modo mais contínuo e sequencial. Em atelier, requerem-se respostas rápidas e eficazes, perante as solicitações do cliente.



Fig.37 - Maquete de estudo da *suíte*.

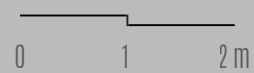
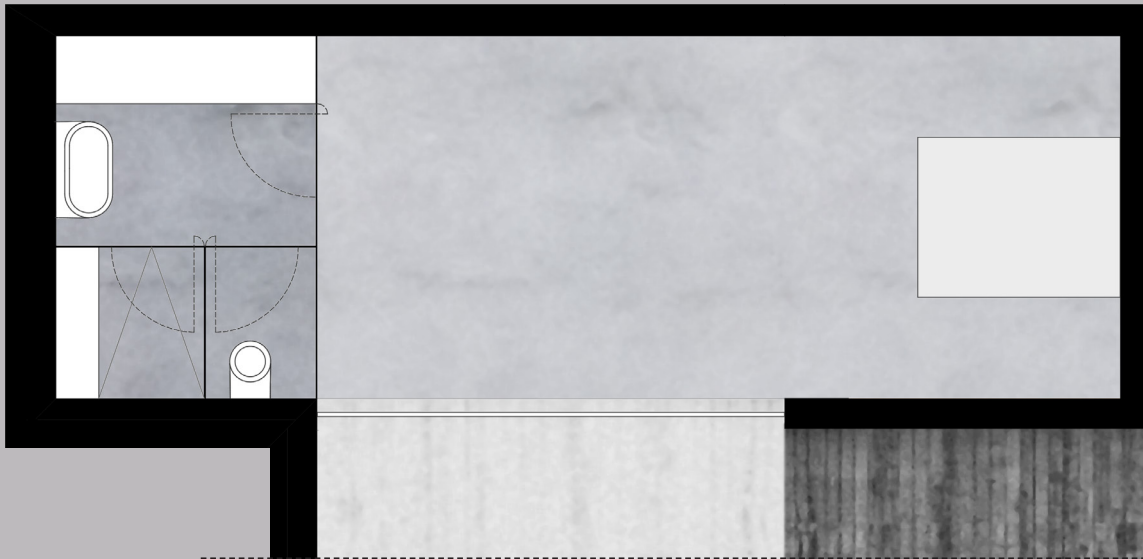


Fig.38 - Planta e alçado da *suíte*.



Fig.39 - A suíte.





Fig.40 - Evolução da construção.



SALIDA →



5 CONCLUSÃO

O presente trabalho pretendeu refletir sobre a problemática da noção de lugar, relacionado com o habitat e com o homem, assim como o relato do estágio. Estas questões foram aplicadas num projeto real em contexto de estágio, analisando e desenvolvendo os termos estudados numa habitação unifamiliar.

No decorrer da reflexão num contexto teórico-prático, teve-se sempre em mente os objetivos inicialmente descritos: compreender a dinâmica de atelier, nas várias vertentes do projeto e a análise concetual de um projeto real. O exercício de reflexão teórica serviu para aprender e posteriormente entender essa aprendizagem num contexto prático.

A combinação estratégica da componente científica com a forte vertente prática de atelier define, por si só, uma boa experiência de prova final de mestrado de arquitetura.

Neste trabalho não se esgotaram os debates sobre a relação da arquitetura com o lugar, nem tão pouco o papel preponderante que o arquiteto tem na transformação destes. A proposição deste trabalho foi, desde sempre essa, suscitar a discussão em torno da prática da arquitetura na relação com o lugar e com o cliente/futuro habitante. É neste sentido que este trabalho poderá permitir desenvolvimentos futuros, não só com o intuito de se conhecer mais sobre arquitetura, mas também com o objetivo de se pensar mais, sobre os conceitos tratados (e não padronizá-los), principalmente pela vontade generalizada de se propor constantemente novos modos de habitar e novas respostas arquitetónicas adequadas.

O ato de habitar o lugar deve ser encarado como parte integrante da arquitetura e do modo de projetar. Ao invés de o termo ser massificado, deve ser entendido como um princípio básico no pensamento arquitetônico.

A arquitetura vive “de” e “para” as pessoas. Vivendo para as pessoas, vive para a sociedade, para o bem comum: o habitar. A arquitetura trata predominantemente desse desejo de conforto e bem-estar, nas múltiplas dimensões associadas.

Uma vez concluído o período de estágio, devo dizer que seria difícil descrever todas as experiências vividas durante este caminho percorrido, todos os momentos de desenvolvimento e aprendizagem de arquitetura que surgiram num ambiente de atelier, em vertente prática e que vão muito além do que é citado neste trabalho.

Colocou-se a prática do projeto e da obra no centro deste trabalho. Ninguém pode impedir a alegria que é ver-se desenvolver aquilo que mais se gosta, que se desenhou e se acompanhou.

Reconheço todas as influências que fizeram com que o salto pessoal e profissional fosse mais alto. E será sempre uma fase indispensável no caminho que ainda terei de percorrer.

É recompensadora a oportunidade de trabalhar um objeto palpável e esta componente prática foi uma concretização pessoal, uma vez que em arquitetura, em contexto acadêmico (num mundo eminentemente teórico) nem tudo se ensina. É necessário aprender a aprender para lá da porta da sala de aula. E o atelier comprovou isso. Se a questão da análise crítica e concetual da dimensão projetual de uma habitação, num contexto em particular foi importante, mais importante ainda foram as questões mais mundanas que têm a ver com a realidade diária de um atelier e da elaboração técnica de um projeto.

O estágio permitiu-me alcançar os objetivos pretendidos e, ao mesmo tempo, compreender melhor a profissão de arquiteto e o seu papel na sociedade. É inevitável refletir sobre toda a formação absorvida em atelier e confrontá-la com as exigências reais impostas pelo cliente, observadas *in situ*. O confronto semanal com diferentes tarefas, diferentes abordagens a nível de escalas, programas e tipologias, permitiu-me conhecer e perceber os diferentes métodos

de trabalho, que até então, desconhecia. A oportunidade de trabalhar em projetos de arquitetura, em todas as suas vertentes, permitiu-me constatar que a boa prática de arquitetura não deve ser encarada de forma solitária, com cariz individualista, mas pelo contrário, em equipa, sendo uma mais valia para um exercício completo e consistente, de forma a satisfazer o cliente. O estágio possibilitou, ainda, desfazer alguns medos referentes à inserção num ambiente plural profissional, que não são tidos em ambiente académico, permitindo uma melhor preparação e o desenvolvimento de competências profissionais para tal inclusão. Por tudo isto e mais, devo dizer que esta experiência foi marcante no meu percurso profissional e pessoal.

No que refere à história contada através deste trabalho, é apenas um fragmento da identidade do atelier e do projeto, na minha expectativa de ver para além do desenho. O que conta aqui não é o produto final, mas sim aquilo que se pôde aprender até chegar aqui (o caminho, o percurso). Passa-se por um percurso estruturado com base em experiências. Experiências que no final me fazem dizer: quero recomeçar, quero voltar a Braga.

Um pensamento que não deixo de expor é a atitude do Arquiteto Carvalho Araújo, que não deixa de ser ambiciosa, ousada e até ‘sonhadora’. Levo para a fase seguinte as conversas tidas na hora do cigarro e as entrevistas informais, mas esclarecedoras e cativantes. O ‘chamar a atenção’ da essência do lugar, contrapondo as sensações que a arquitetura pode provocar. Todas as ‘lições aprendidas’ vão ser tidas em conta como resposta aos atuais desafios da profissão, com uma constante aprendizagem e rigor.

Não pude deixar de notar a assumida união e espírito de entre-ajuda, factos que acontecem naturalmente no atelier. Por igual motivo, mostrou-se a amizade entre a equipa, que se torna contagiante. E assim, percebo a ideia que o arquiteto Carvalho Araújo tanto segue *“Difícilmente me defino, mas sei o que não quero!...Acomodar-me.”*

Se o “clique” para começar foi rápido, o momento para me desligar foi difícil. E ainda não terminou.



6 BIBLIOGRAFIA

Alcalá, L. C., 1995. *La cuestión residencial: bases para una sociología del habitar*. Madrid: Fundamentos.

Araújo, Carvalho, 2013. Entrevista Arquiteto Carvalho Araújo, *Revista SIM*. (online)

Araújo, Carvalho, 2014. Entrevista feita por Valverde, K. Braga: 28 Maio (ver Anexo 3)

Bachelard, G., 1993. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes.

Baeza, A. C., 2004. *A ideia construída*. Traduzido por A. C. Silva, Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Cabrita, R., 1995. *O Homem e a casa*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Charles, M., 1985. *La casa: forma y diseño*. Barcelona: Gustavo Gili S.A.

Clemente, C., and Matteis, F. de, 2010. *Housing for Europe. Strategies for quality in urban space, excellence in design, performance in building*. Roma: Typo Srl.

Figueiredo, L., 1995. *Foucault e Heidegger. A ética e as formas históricas do habitar (e do não habitar)*. s.l. : Tempo social.

Gausa, M., 1998. *Housing: nuevas alternativas, nuevos sistemas*. Barcelona: Actar.

Giorgio G., 1980. *La Arquitectura como Oficio y Otros Escritos*. Barcelona: Gustavo Gili S.A.

Harries, K., 1983. *Thoughts on a Non-Arbitrary Architecture*. Nova York: Rizzoli.

Heidegger, M., 1993. *Building dwelling thinking*. Londres: Routledge.

- Merleau-Ponty, M., 1964. *Eye and mind*. Evanston: Northwestern.
- Merleau-Ponty, M., 1989. *Space*. New York: Routledge.
- Montaner, J. M., 2001. *A modernidade superada: arquitetura, arte e pensamento do século XX*. Traduzido por E. P. Silva, Barcelona: Gustavo Gili S.A.
- Moore, C., Allen, G. and Lyndon, D., 1999. *La Casa: Forma y Diseño*. Barcelona: Gustavo Gili S.A.
- Muga, H., 2006. *Psicologia da arquitetura*. Vila Nova de Gaia: Gailivro.
- Neumeyer, F., 1995. *Mies van der Rohe. La palabra sin artificio. Reflexiones sobre arquitectura*. Madrid: El Croquis Editorial.
- Neumeyer, F., 1994. *Frank Lloyd Wright. Autobiografía*. Madrid: El Croquis Editorial.
- Otero-Pailos, J., 2010. *A polygraph of architectural phenomenology*. Minneapolis: University of Minnes.
- Ramos, R. J. G., 2002. *A Nossa Casa, 44, piso 12, ap. 136: dois pontos para outras formas de habitar*. *Jornal Arquitectos*, 205: Lisboa.
- Schulz, C.N., 2000. *Architecture: Presence, language, place*. Traduzido por A. Shugaar, Milão: Skira.
- Schulz, C.N., 1984. *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*. New York: Rizzoli.
- Schulz, C.N., 1975. *Existencia, Espacio y Arquitectura*. Barcelona: Blume
- Seamon, D., 2014. *Environmental & Architectural Phenomenology*. Kansas: Architecture Department.
- Seamon, D. and Mugerauer, R., 1985. *Dwelling, Place, and Environment: Towards a Phenomenology of Person and World*. Dordrecht: Martinus Nijhoff.
- Seamon, D., 1979. *A Geography of the lifeworld*. Londres: Croom Helm.
- Seamon, D. and Mugerauer, R., 2000. *Dwelling, Place and Environment: Toward a Phenomenology of Person and World*. Malabar: Krieger Publishing.
- Zabalbeascoa, A. *La casa del arquitecto*. Barcelona: Gustavo Gili S.A.
- Zevi, B., 1978. *História da Arquitectura Moderna*. Lisboa: Arcádia.
- Zumphor, P., 2005. *Pensar a arquitetura*. Traduzido por A. Grabow, Barcelona: Gustavo Gili S.A.
- Zumphor, P., 2006. *Atmospheres. Architectural environments - surrounding objects*. 5th edition, Basel: Birkhäuser.

- Fig. 1, página 2 | Casa Gerês.
- Fig. 2, página 22 | Localização.
- Fig. 3, página 24 | Desenho infantil.
- Fig. 4, página 26 | Atelier.
- Fig. 5, página 29 | Diagrama metodológico.
- Fig. 6, página 31 | Reunião de atelier.
- Fig. 7, página 32/33 | *Brainstorming* habitat.
- Fig. 8, página 34/35 | Chávena Carvalho Araújo.
- Fig. 9, página 36 | Linha de pensamento de Carvalho Araújo.
- Fig. 10, página 39 | Organograma da administração.
- Fig. 11, página 40 | Habitat.
- Fig. 12, página 47 | Lugar. Ilha das Berlengas.
- Fig. 13, página 48 | Esquema da relação entre o espaço, lugar e homem.
- Fig. 14, página 55 | Maquete da habitação.
- Fig. 15, página 57 | Planta de implantação.
- Fig. 16, página 63 | Esquema concetual.
- Fig. 17, página 64 | Lugar de intervenção. O existente.
- Fig. 18, página 67 | Piscina. Evolução.
- Fig. 19, página 69 | Planta do piso 1.
- Fig. 20, página 70 | Planta do piso 0.
- Fig. 21, página 73 | Corte transversal da habitação. Relação com o terreno.
- Fig. 22, página 75 | Alçado principal da habitação.
- Fig. 23, página 77 | Corte longitudinal da habitação.
- Fig. 24, página 79 | Fotomontagem. Relação com a linha de água.
- Fig. 25, página 81 | Fotomontagem. Relação com a envolvente.
- Fig. 26, página 82/83 | Estratégia.
- Fig. 27, página 88/89 | Esquissos de organização interior de espaço privado.
- Fig. 28, página 90 | Esquema do objeto de estudo. Relação entre o tema de investigação, a empresa e o projeto.
- Fig. 29, página 91 | O primeiro olhar sobre o lugar.
- Fig. 30, página 92/93 | Habitação em construção. *Suíte*.
- Fig. 31, página 95 | Esquema de desenvolvimento em planta com as linhas orientadoras da proposta A e B da *suíte*.
- Fig. 32, página 96 | Proposta A da *suíte*.
- Fig. 33, página 97 | Proposta B da *suíte*.
- Fig. 34, página 98/99 | Esquissos do ambiente da *suíte*.
- Fig. 35, página 100/101 | Maquetes das várias propostas. Processo de desenvolvimento da maquete de estudo à escala 1:50
- Fig. 36, página 102/103 | Maquete demolida.
- Fig. 37, página 105 | Maquete de estudo da *suíte*.
- Fig. 38, página 106 | Planta e alçado da *suíte*.
- Fig. 39, página 107 | A *suíte*.
- Fig. 40, página 108/109 | Evolução da construção.
- Fig. 41, página 110/111 | *Salida*.
- Fig. 42, página 115 | Equipa.

CRÉDITO DE IMAGENS

Fig. 1 | Casa Gerês, 2014. Atelier Carvalho Araújo.

Fonte: Atelier Carvalho Araújo, com edição Kátia Valverde. Retirado em: 28 Maio 2014.

Fig. 2 | Localização, 2014. Kátia Valverde.

Fonte: Valverde 2014, adaptado de Googleearth 2013.

Fig. 3 | Desenho infantil, 1994. Kátia Valverde.

Fonte: Valverde 2014.

Fig. 4 | Atelier, 2013. Atelier Carvalho Araújo.

Fonte: http://www.carvalhoaraujo.com/arq/img/aca_9564.jpg. Retirado em: 3 Março 2014

Fig. 5 | Diagrama metodológico, 2014. Kátia Valverde.

Fonte: Valverde 2014.

Fig. 6 | Reunião de atelier, 2007.

Fonte: <http://www.carvalhoaraujo.com/pt/atelier/publicacoes.html?>. Retirado em: 17 Junho 2014

Fig. 7 | *Brainstorming* habitat, 2014. Kátia Valverde.

Fonte: Valverde 2014.

Fig. 8 | Chávana Carvalho Araújo, 2005. Atelier Carvalho Araújo.

Fonte: <http://www.carvalhoaraujo.com/pt/projectos/projectos/cafe.html>. Retirado em: 3 Março 2014

Fig. 9 | Linha de pensamento de Carvalho Araújo, 2013. Carvalho Araújo.

Fonte: Atelier Carvalho Araújo. Retirado em: 19 Junho 2014

Fig. 10 | Organograma da administração, 2014. Kátia Valverde.

Fonte: Valverde 2014.

Fig. 11 | Habitat, 2014. José Santos Rita

Fonte: <http://olhares.sapo.pt/client/files/foto/big/429/4293210.jpg>

Fig. 12 | Lugar. Ilha das Berlengas, 2014. Kátia Valverde.

Fonte: Valverde 2014.

Fig. 13 | Esquema da relação entre o espaço, lugar e homem, 2014. Kátia Valverde.

Fonte: Valverde 2014.

Fig. 14 | Maquete da habitação. Atelier Carvalho Araújo, 2013.

Fonte: Atelier Carvalho Araújo. Retirado em: 19 Junho 2014

Fig. 15 | Planta de implantação, 2014. Kátia Valverde.

Fonte: Valverde 2014.

Fig. 16 | Esquema conceitual, 2014. Kátia Valverde.

Fonte: Valverde 2014.

Fig. 17 | Lugar de intervenção. O existente. Atelier Carvalho Araújo, 2013.

Fonte: Fonte: Atelier Carvalho Araújo. Retirado em: 3 Março 2014

Fig. 18 | Piscina. Evolução. Atelier Carvalho Araújo, 2013.

Fonte: Fonte: Atelier Carvalho Araújo. Retirado em: 3 Março 2014

Fig. 19 | Planta do piso 1, 2014. Kátia Valverde.

Fonte: Valverde 2014.

Fig. 20 | Planta do piso 0, 2014. Kátia Valverde.

Fonte: Valverde 2014.

Fig. 21 | Corte transversal da habitação. Relação com o terreno, 2014. Kátia Valverde.

Fonte: Kátia Valverde.

Fig. 22 | Alçado principal da habitação, 2014. Kátia Valverde.

Fonte: Kátia Valverde.

Fig. 23 | Corte longitudinal da habitação, 2014. Kátia Valverde.

Fonte: Valverde 2014.

Fig. 24 | Fotomontagem. Relação com a linha de água, 2014. Kátia Valverde.

Fonte: Valverde 2014.

Fig. 25 | Fotomontagem. Relação com a envolvente, 2014. Kátia Valverde.

Fonte: Valverde 2014.

Fig. 26 | Estratégia.

Fonte: <http://www.google.pt/>

[url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&docid=GOyGJOX_](http://www.google.pt/?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&docid=GOyGJOX_)

Retirado em: 27 Agosto 2014

Fig. 27 | Esquissos de organização interior de espaço privado, 2014. Kátia Valverde.

Fonte: Valverde 2014.

Fig. 28 | Esquema do objeto de estudo. Relação entre o tema de investigação, a empresa e o projeto, 2014. Kátia Valverde.

Fonte: Valverde 2014.

Fig. 29 | O primeiro olhar sobre o lugar. Atelier Carvalho Araújo, 2013.

Fonte: Atelier Carvalho Araújo. Retirado em: 19 Junho 2014

Fig. 30 | Habitação em construção. *Suíte*. Atelier Carvalho Araújo, 2013.

Fonte: Atelier Carvalho Araújo. Retirado em: 19 Junho 2014

Fig. 31 | Esquema de desenvolvimento em planta com as linhas orientadoras da proposta A e B da *suíte*. Kátia Valverde.

Fonte: Valverde 2014.

Fig. 32 | Proposta A da *suíte*, 2014. Kátia Valverde.

Fonte: Valverde 2014.

Fig. 33 | Proposta B da *suíte*, 2014. Kátia Valverde.

Fonte: Valverde 2014.

Fig. 34 | Esquissos do ambiente da *suíte*, 2014. Kátia Valverde.

Fonte: Valverde 2014.

Fig. 35 | Maquetes das várias propostas. Processo de desenvolvimento da maquete de estudo à escala 1:50, 2014. Kátia Valverde.

Fonte: Valverde 2014.

Fig. 36 | Maquete demolida, 2014. Kátia Valverde.

Fonte: Valverde 2014.

Fig. 37 | Maquete de estudo da *suíte*, 2014. Kátia Valverde.

Fonte: Valverde 2014.

Fig. 38 | Planta e alçado da *suíte*. Kátia Valverde.

Fonte: Valverde 2014.

Fig. 39 | A *suíte*. Atelier Carvalho Araújo, 2013.

Fonte: Atelier Carvalho Araújo. Retirado em: 29 Junho 2014

Fig. 40 | Evolução da construção. Kátia Valverde.

Fonte: Valverde 2014. Retirado em: 29 Junho 2014

Fig. 41 | *Salida*. João José Lopes, 2009.

Fonte: <http://olhares.sapo.pt/salida-foto3328327.html>. Retirado em: 27 Agosto 2014

Fig. 42 | Equipa. Atelier Carvalho Araújo, 2014.

Fonte: Atelier Carvalho Araújo. Retirado em: 12 Julho 2014

8
ANEXOS

1 LISTA DE PROJETOS

de Carvalho Araújo de 2000 até 2014

2000

- Participação no concurso do Parque das Camélias, Porto 2001 - Porto. (menção honrosa)
- Conjunto de edifícios industriais para a DST - Adaúfe, Braga.
- Concurso Público para a elaboração de biblioteca municipal - Oliveira de Azeméis. (2º classificado)
- Habitação unifamiliar - Guimarães.
- Habitação unifamiliar - Joane.
- Escola Profissional de Amares.
- Aldeamento turístico - Vila Nova de Cerveira.
- Reformulação de fachada Papélia, rua Santa Catarina - Porto.
- Habitação unifamiliar - S. Paio Pousada.

2001

- Concurso Público limitado para a concepção da Feira e Mercado do Gado - Ponte de Lima. (1º classificado)
- Concurso Público limitado para Biblioteca Municipal de Terras de Bouro - Terras de Bouro. (1º classificado)
- Centro de Arte Contemporânea - Parada de Tibães, Braga.
- Piscina Municipal S. Julião de Freixo - Ponte de Lima.
- Remodelação de pavilhão industrial para escritórios da J.M. Carvalho Araújo - Adaúfe, Braga.

2002

- Habitação unifamiliar - Lanheses, Viana do Castelo.
- Três moradias unifamiliares - Semelhe, Braga.
- Pavilhão industrial Seprem - Esporões, Braga.
- Farmácia Briteiros - Briteiros, Guimarães.
- Externato Carvalho Araújo - Real, Braga.
- Remodelação de espaço comercial para Centro de Reabilitação Carlos Rio - Braga.
- Remodelação de espaço industrial para Espaço Iduna - Matosinhos.

2003

- Apartamentos turísticos - Ermida, Vilar da Veiga, Terras de Bouro.
 - Remodelação de espaço comercial para sede da Iduna Office - Santiago de Compostela, Espanha.
 - Empreendimento turístico Balbino Beach & Resort - Balbino, Ceará, Brasil.
 - Concurso Público de concepção/construção da Piscina Municipal de Carrazeda de Ansiães - Ansiães. (1º classificado)
- Remodelação de apartamento - Póvoa de Varzim.

2004

- Concurso Público para Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física - Universidade de Coimbra. (2º classificado)
- Habitação unifamiliar - Vilar das Almas, Ponte de Lima.
- Hotel Galeria Mário Sequeira - Tibães, Braga. (projecto)
- Habitação unifamiliar - Quinta do Lago, Loulé, Algarve.
- Loja Tools - Braga.
- Remodelação de espaço comercial para Sutega Iluminacion - Corunha, Espanha.
- Ampliação da fábrica Iduna - Nogueira, Braga. (projecto)
- Duas habitações - Tabuba, Ceará, Brasil.
- Concurso para a Sede Social da ABB - Martim, Braga. (1º classificado) *em parceria com A.M. Arquitectos Lda.

2005

- Remodelação de espaço comercial para Farmácia Coelho - Braga.
- Reformulação de empreendimento turístico - Tabuba, Ceará, Brasil.
- Concurso para a construção Núcleo Museológico - S. João de Campo, P.N. Peneda-Gerês. (1º classificado)
- Concurso Centro Social Integrado - Arcos Valdevez, Viana do Castelo.
- Habitação unifamiliar Outeiro - Braga.

- Remodelação de um apartamento - Braga.
- Habitação unifamiliar - Braga.
- Habitação unifamiliar - Porto.
- Remodelação de um consultório de dermatologia - Braga.
- Concurso Concepção/construção Piscina Municipal de Mexilhoeira Grande - Portimão.
- Prémio Design Plus atribuído à linha WCA pelo German Design Council.
- Prémio Good Design atribuído à linha WCA pelo Athenaeum Chicago Museum.

2006

- Habitação unifamiliar - Alentejo.
- Concurso Concepção/construção Piscina Municipal de Matosinhos.
- Edifício Multiusos - Ponte de Lima. (projecto)
- Habitações em banda, Quinta de Santana - Moledo.
- Condomínio Casas d' Água - Brasil.
- Clínica Estética - Braga.
- Habitação unifamiliar - Locarno, Suíça.
- Lar de Idosos Quinta Magalhães - S. Julião de Freixo, Ponte de Lima.
- Centro Reabilitação Dr. Rio - Viana do Castelo.
- Concurso Ideias para a Sede da Vodafone Porto. (2.º Classificado)

2007

- Concurso para Academia de Música de S. João da Madeira. (1.º classificado)
- Zona de Lazer de Rendufe
- Loteamento Quinta da Pena.
- Academia de Música.
- Casa Vitrocsa - Afife.
- Casa PL - Porto.
- Parque Radical - Ponte de Lima.

- Casa CG - Caminha.
 - Quinta Lemos - Viseu.
 - Habitação unifamiliar JB - Afife.
 - Stand Movecho.
- Stand Iduna.

2008

- Atelier de Jardim AS - St. Tirso.
- Condomínio Habitacional na Praia Grande do Pópulo - Ponta Delgada, Açores.
- Escola Secundária de Lousada.
- Cabeleireiro MAK por Tatiana Grib - Braga.
- Concurso para Centro de Congressos, Pavilhão Multiusos - Ponte de Lima.
- Loja Via Hugo - Braga.
- Plano Restelo.
- Hotel Rural Santiago d'Gemieira.
- Santa Justa.
- Lojas Rosi - Braga.

2009

- Fabrica Osvaldo Matos.
- Apartamento hiCA - Braga.
- Escola Secundária de Arouca.
- EDIGMA - Adaúfe, Braga.
- Hotel Além Ponte - Ponte de Lima.
- Habitação Isabel Portugal.
- Escola Secundaria de Castelo da Maia.
- Espaço IDUNA Brasil.
- Enoteca.
- Clínica Dr. Carlos Rio II.
- Residência universitária IPCA Barcelos.

2010

- Creche – Ponte de Lima.
- Hotel Além Ponte II – Ponte de Lima.
- Casa do Cante – Serpa.
- Casas Guia Aquiraz Riviera – Brasil.
- Escritório DOC – Fortaleza, Brasil.
- Cine-teatro – Serpa.
- Habitação TC – Braga.

Stand Osvaldo Matos – Expocasa.

2011

Edifício Zarvos - São Paulo.

Casa MM - São Paulo.

2012

- GNRation – Braga.

2013

De Lemos – Viseu.

Casa Gerês - Gerês

Casa FDF - São Paulo

2 PRÉMIOS E EXPOSIÇÕES

de Carvalho Araújo de 2000 até 2014

Prémios

- GNRation, Prémio Nacional de Reabilitação Urbana, 1.º classificado, 2014
- De Lemos, Finalista no Archdaily, Building of the Year 2014, categoria “Hospitality Architecture”
- Biblioteca e Arquivo Municipais de Grândola, Menção Honrosa, 2011
- Sala de Espectáculos e Parque de Campismo, Ponte de Lima, 1º classificado, 2010
- Prémio Sena da Silva – Equipamento Industrial, linha RUA. 2009
- Academia de Música de S. João da Madeira, 1.º classificado, 2007
- Edifício sede da Vodafone – Porto, 2.º classificado, 2006
- Design Plus Award, linha de sanitários WCA - Frankfurt. 2005
- Good Design Award, linha de sanitários WCA - Athenaeum Chicago Museum, 2005
- Museu da Geira, Terras de Bouro, 1.º classificado, 2005
- Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física - Universidade de Coimbra, 2.º classificado, 2004
- ABB - Sede Social e Estaleiros - Braga. 1º classificado em parceria com A.M. Arquitectos Lda, 2004
- Prémio Secil 2003, finalista com a Galeria Mário Sequeira e DST, 2003
- Piscina Municipal de Carrazeda de Ansiães, 1.º classificado, 2003
- Biblioteca Municipal de Terras de Bouro, 1.º classificado, 2001
- Feira e Mercado do Gado de Ponte de Lima, 1.º classificado, 2001
- Biblioteca Municipal de Oliveira de Azeméis, 2.º classificado, 2000
- Campus Universitário dos Açores, 2.º classificado, 1997
- Centro Português de Design - prémio de design atribuído à linha de mobiliário ARM, 1994
- EIMU - prémio “Imagine” para melhor stand, da empresa Carvalho Araújo SA. Milão, 1993
- European Community Design Prize - nomeado, 1992

Exposições

- Porto Poetic | Biblioteca Municipal Almeida Garrett, Porto, 2014
- 25 Anos Arpa | A Linha da Vizinha. Lisboa, 2013
- Porto Poetic | La Triennale di Milano. Milão, 2013
- Motivações | Megarim – Exposição Individual. Lisboa, 2013
- Motivações | Universidade Lusíada do Porto – Exposição Individual. Porto, 2013
- Arquitectura no Design | Show Me – Design & Art Gallery – Exposição colectiva. Braga, 2012
- Cá Dentro – Design Industrial. Pavilhão A1, Adaúfe - Braga, 2007
- Experimenta Design. Lisboa, 2005
- Designers Weekend - exposição individual. Bruxelas, 2003
- Design + Senses. Berlin, 2001
- Alessi + Cinco Arquitectos Portugueses, Ordem dos Arquitectos. Lisboa, 2001
- The Course, Amstelveen, Holanda. 2000
- Design Português, um Compromisso com a Indústria, Madrid, 2000
- Experimenta Design, Barcelona / Lisboa, 1999
- Percurso, Museu Nogueira da Silva, Braga. 1999
- Móveis em Cena, Teatro Nacional S. João. Porto, 1997
- Primavera del Disseny, Barcelona, 1997
- Création Portugaise Contemporaine / Europália, Galeria Theoremes. Bruxelas, 1991

3 ENTREVISTA

feita por Kátia Valverde ao Arq. Carvalho Araújo

28 Maio de 2014

1. Qual é a origem do projeto Gerês? Qual foi a ferramenta conceitual deste projeto?

Como evoluiu o processo projetual desta obra?

Antes de mais, no mundo em que vivemos cada vez se torna mais complicado concentrarmo-nos e encontrar momentos para que nos possamos concentrar nos projetos. Isto é duma dinâmica e velocidade tal, com preocupações de responder sempre de uma forma positiva, equilibrada àquilo que nos pedem, aos projetos que nós próprios nos desafiamos e ao mesmo tempo ter a preocupação de mercado.

Quanto às perguntas que estás a fazer... Esta casa surge, primeiro, para um amigo e surge na sequência duma derrocada, no inverno rigoroso. A chuva forte leva um muro de vedação à frente e afeta uma casa de caseiro que existia no terreno. A propósito disso surgiu a hipótese de, já agora, relocalizar a casa e fazer uma casa para ele e não para o caseiro. Foi apartir daí que surgiu a casa.

Relocalizou-se a casa, tirando mais partido duma linha de água que funciona como cascata. Um dos princípios importantes do desenvolvimento deste projeto, foi como se redesenhasse a linha de forma a controlar mais o curso de água para não voltar acontecer aquilo que tinha acontecido e então fizémos uma casa muito simples. O princípio de composição da casa é uma grande plataforma em betão, que num dos extremos está balanceado sobre a tal linha de água 'cascata' e depois em cima dessa plataforma, que também tem um muro de contenção para que a casa ficasse o máximo possível dissimulada na paisagem, que é um anfiteatro natural, para quem chega ao lugar. Colocámos a casa propriamente dita, que é um bloco com uma estrutura metálica, porque por razões de facilidade de construção e de transporte para o terreno, optámos por uma construção

mais leve, em metal, e que será toda revestida a madeira. O resultado final é uma plataforma em betão, com um volume de madeira a levitar. Os vidros são bastante interiores. A transição entre o volume de betão e a madeira é feita através das janelas em vidro, bastante recuadas. Basicamente, é este o princípio que está por detrás deste projeto.

Em termos de programa, questionamos o programa em função da nossa arquitetura e do pedido do cliente. Então, propusemos uma casa, que inicialmente lhe demos o nome de Casa Museu, por ser um grande espaço que se pode usar de forma muito informal, isto é, os quartos são identificados pelas próprias infra estruturas das casas de banho, e não propriamente pela definição de quarto em si. Os espaços de dormir, funcionam quase como albergues que responde a hábitos e costumes do cliente. São espaços espontâneos. Assim, funcionam numa galeria inseridos num grande volume da casa, que é um volume polivalente, completamente aberto, para que no limite possa funcionar como um espaço de exposições, uma vez que o cliente é um apaixonado por objetos de arte e coleções.

2. Houve uma preocupação evidente nos arranjos exteriores, inclusive na implantação da piscina. Como é que este processo de desenvolveu?

Os arranjos exteriores, começam pelo redesenho da linha de água e esse curso de água vai sendo desenhado através de uns volumes de betão, que com o tempo e com a patine que vai ganhando, vão se aproximar dos tons das pedras. Esses volumes de betão criam pequenos espaços de contenção das águas e que nos levam até a um grande lago, que, de certa forma já existia, mas que foi redesenhado e aproveitamos para aumentar as suas dimensões e

introduzimos uma piscina dissimulada na água do lago. Isto foi um princípio de uma geometria de desenho que é feita através de uma série de plataformas em muros de pedra da região, que têm todos uma identidade muito própria. As coberturas dessas plataformas são todas vegetais. E inseridas nessas plataformas, são o apoio à piscina, balneários, um apoio agrícola e outro para os animais e um outro muro, menos importante nesta composição programática, mas mais na componente paisagística que suporta uma rampa que liga estas diferentes plataformas, porque o terreno é bastante acidentado.

3. Como explica a entrada?

A entrada de certa forma, ficou um pouco condicionada pela entrada já existente. Do mesmo modo, respeitou-se a entrada de forma a responder e a cumprir com aquilo que se propunha inicialmente. O que vemos ao entrar é um grande *deck* de madeira que corresponde à cobertura da casa, projetado para a paisagem, para um anfiteatro natural, que é reforçado pela vegetação já existente e que foi um dos aspetos que retirámos partido. A entrada em si, são umas escadas que antecipam esse *deck*, que nos levam para a plataforma de betão, que é o piso 'soleira' da casa. Depois, temos outro tipo de acesso, um acesso automóvel que se faz para chegarmos à cota mais baixa, onde se insere a piscina, os balneários, entre outros.

4. E em relação aos materiais?

Os materiais são simples. Optámos por uma estrutura de suporte que é um muro em betão que nos liga à tal plataforma. A casa em si é um volume de madeira,

suportado por uma estrutura metálica e vidro. Os arranjos exteriores são resolvidos com pedra de granito. Em termos de materiais, a habitação resume-se a esses três.

5. Na sua opinião, acha que respondeu a todos os pedidos do cliente?

Uma das características minhas é tentar entender, à minha própria maneira, o cliente. Aqui existe alguma psicologia do cliente, entendendo aquilo que ele quer e tentar responder, ao invés de me limitar a um programa mais ou menos óbvio. Nesse sentido, é uma casa provocadora, de certa forma arrojada, que com mais ou menos dificuldade, se foi conseguindo convencer e demonstrar as características e o que é que se pretendia em termos de ambientes e escalas. A nível de escalas é uma casa onde se procurou algum contraste, nomeadamente na escala dos espaços, que ia de encontro à forma de habitar do cliente. Esta é uma casa para um casal, com dois filhos... mais os amigos todos!

6. Como identifica a sua arquitetura no contexto português?

É um pergunta difícil, quase que me recuso a pensar a arquitetura nesse sentido. Preocupo-me muito mais com aquilo que quero da minha arquitetura. Essa arquitetura deve ser, sempre que possível, muito sensível aos lugares e que os valorize, ou seja, no final, o ideal é que esses lugares fiquem mais enriquecidos e quase que não se consiga olhar para o lugar sem a obra, fazendo a obra parte do lugar. Outra característica da nossa arquitetura é que esta precisa de tempo para se enraizar. A arquitetura é como uma planta. É este o conceito que reforça e que está

por detrás dos projetos. A arquitetura é qualquer coisa como um ser vivo. Um ser vivo precisa de tempo para se enraizar nos lugares, mas sempre com a preocupação de transformar os lugares.

7. Qual é o seu envolvimento na fase de construção das suas obras? Em que fase do projeto (clientes/promotores, programa, estudo prévio, etc) dedica mais tempo?

A fase onde eu mais me envolvo é na fase inicial, na fase concetual, desde encontrar a solução, aos princípios de justificação para cada proposta e no relacionamento com o cliente. Depois chega uma fase mais processual, que praticamente não estou muito envolvido. Depois, na fase de construção, na própria obra em si, tenho um envolvimento contrário, isto é, tento-me distanciar o máximo possível e preocupo-me acompanhar a obra de uma forma isolada, em que vou à procura de pequenas incorreções para depois alertar o departamento responsável pelo acompanhamento de obra. Faço as minhas visitas à obra de forma camuflada, quase no silêncio.

8. De que forma este projeto pode ser uma 'nova forma de habitar'?

Devemos estar sempre abertos a questionar as formas de habitar e esta é mais uma. Tem esse potencial, o de provocar situações de habitar diferentes do tradicional. Mas, por outro lado, quem a for habitar, também a pode habitar da forma mais tradicional, igual a tantas outras. O desenho é só um principio, orientativo de como gostaríamos que o lugar fosse habitado. A arquitetura é como um filho, nunca nos deixamos de preocupar com ela, mas deixamos de ter

predomínio, essa ligação de o controlármos.

A arquitetura tem de ser como um ser vivo, tem de ter tempo para se desenvolver e assim enraizar no espaço e ao mesmo tempo criar as condições que os outros procuram nela.

O meu papel acabou aqui, agora a obra é do cliente...

Mais apontamentos...

No final, tento quase sempre afastar-me das obras, até porque, como sou ambicioso, tento olhar para as minhas obras com um certo distanciamento e até mesmo frieza. Para mim, cada projeto é um projeto. Por muito que se tente rentabilizar a forma de pensar e estar, vivo cada momento de forma diferente e a arquitetura é um caso muito particular. Cada vez mais olho para o desenho com uma forma de comunicação, mas não é o único.

O texto quase que pode substituir o desenho. Quando somos mais novos, achamos que o desenho é o mais importante e agora acho que cada vez é menos. A arquitetura é muito mais que isso. Devoro cadernos, imagens, textos e desenhos, mas é tudo muito pessoal. Tudo isso é para me preparar, de forma a antecipar-me às questões da arquitetura. A arquitetura é algo que se vive e que se discute muito e temos de perceber as várias maneiras de representação, aquilo que nós queremos mostrar e não nos limitarmos ao desenho rígido e estático.

Em termos programáticos, é na mezzanine que se consideram os espaços de dormir. O acesso faz-se por umas escadas internas e por um corredor, por uma passerele que vai dividir dois espaços: um maior, outro mais pequeno. Nos seus extremos são as casas de banho. Uma serve o espaço maior, onde propomos que seja utilizado este espaço, como camaratas, com cortinas a dividir.

O mais pequeno é para um quarto.

Na plataforma de betão, onde assenta toda a casa, houve a necessidade de ser feita em L, para se rematar. Se num dos lados ela é balanceada, do outro lado termina o remate com um volume, que inicialmente, foi pensado como um espaço de apoio, mas que agora, houve a necessidade de criar uma suíte. Essa suíte, levou a várias discussões, várias tentativas de desenvolvimento. É uma suíte com uma dimensão interessante, teve-se de se criar mais infraestruturas para se albergar mais uma casa de banho.

Inicialmente, e o pedido do cliente, era desenvolver a suíte em dois níveis, com uma *mezzanine* para ter outras funções no piso superior. Chegou-se à conclusão, e isso é que nos leva à loucura. Não se faz *mezzanine* nenhuma, vamos tirar o máximo partido deste espaço, desta volumetria toda, de forma a não comprometermos já o espaço. Porque a *mezzanine* é qualquer coisa que se pode um dia fazer, caso haja necessidade.

De facto a casa hoje tem uma forma, e está praticamente concluída e essa foi a melhor opção. O que comprova isso são as imagens já retiradas do lugar, da escala do próprio lugar relativamente à dimensão do Homem. Verifica-se que aquele espaço é um espaço de exceção e que vai despertar aquilo que eu sempre defendi na arquitetura - vai despertar sensações e provocar novos comportamentos. E essa suíte é mesmo isso que procura, é um espaço de remate que procura oferecer alguma surpresa, outras sensações.



HABITAR A PAISAGEM: Análise, Conceitos e Soluções
- a 'Casa Gerês' de Carvalho Araújo -

CD

HABITAR A PAISAGEM: Análise, Conceitos e Soluções
- a 'Casa Gerês' de Carvalho Araújo -